PROJETO DE RESTAURAÇÃO E PLANO DE CONSERVAÇÃO PARA O SOBRADO CHIARAMONTE

Preservação do patrimônio cultural em Santa Rosa de Viterbo

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia

Trabalho Final de Graduação
Mayara Caroline de Souza Silva
Orientadora: Prof. Dra. Marília Maria Brasileiro Teixeira Vale



Figura 01: Fachada do Sobrado Chiaramonte, ainda com esquadrias. Fonte: Ivan Mairauê.

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 01: Fachada do Sobrado Chiaramonte, ainda com esquadrias. Fonte: Ivan Mairauê. Arquivo Pessoal.
Figura 02: Praça Guido Maestrello e Matriz de Santa Rosa de Viterbo. Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_RODvn0wHGSA/TM2LekiiM4I/AAAAAAAAF1k/Bq3etHLDWfQ/s1600/SANTAROSADEVITERBOPRA%C3%87A.jpg
Figura 03: Desenho da primeira capela de Santa Rosa de Viterbo feito por Antônio Lerco. Fonte: Galdino Rosa. Arquivo Pessoal.
Figura 04: Recorte do Jornal O Santarosense de Setembro de 1957. Fonte: Arquivo Público de Santa Rosa de Viterbo
Figura05: Nossa Senhora Aparecida. Fonte: http://cleofas.com.br/wp-content/uploads/2011/10/APARECIDA.jpg
Figura 06: Rosa de Viterbo, santa padroeira da cidade. Fonte: https://lh4.googleusercontent.com/-RwNhPJR_2zY/TXmMKCtSv_I/AAAAAAAADjs/eFy6uq9_uqw/s1600/santa_rosa.jpg
Figura 07: Usina Amália. Fonte: Indústrias Reunídas Fábricas Matarazzo - IRFM - Memória e preservação
Figura 08: Amália Ferreira de Camargo Dumont e Henrique Santos Dumont. Fonte: Galdino Rosa. Arquivo Pessoal.
Figura 09: Usina Amália em 1949. Fonte: Indústrias Reunídas Fábricas Matarazzo - IRFM - Memória e preservação. Página do Facebook.
Figura 10: Complexo Industrial Amália. Fonte: https://santarosadeviterbo.files.wordpress.com/2015/02/sede-da-fazenda-amalia-na-decada-de-1940.jpg
Figura 11: Usina de açúcar da Fazenda Amália. Fonte: Adriano Hilário de Oliveira. Arquivo Pessoal.
Figura 12: Usina de açúcar da Fazenda Amália. Fonte: Adriano Hilário de Oliveira. Arquivo Pessoal.
Figura 13: Usina de açúcar da Fazenda Amália. Fonte: Adriano Hilário de Oliveira. Arquivo Pessoal.
Figura 14: Usina de açúcar da Fazenda Amália. Fonte: Adriano Hilário de Oliveira. Arquivo Pessoal.
Figura 15: Estação Santa Rosa. Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_RODvn0wHGSA/TM27DsJYxsI/AAAAAAAAF2M/qNRBAWzG-1M/s1600/A--SANTA-ROSA-menia-na-esta%C3%A7.jpg
Figura 16: http://2.bp.blogspot.com/_RODvn0wHGSA/TM27DsJYxsI/AAAAAAAAF2M/qNRBAWzG-1M/s1600/A-SANTA-ROSA-menia-na-esta%C3%A7.jpg
Figura 17: Estrada de ferro passando pela fazenda Amália em 1930. Fonte: Indústrias Reunídas Fábricas Matarazzo - IRFM - Memória e preservação. Página do Facebook
Figura 18: Ponte de Ferro sobre o Rio Pardo. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 19: Estação da Fazenda Amália atualmente. Fonte: https://santarosadeviterbo.files.wordpress.com/2015/10/fazenda-amalia-estacao-amalia.jpg
Figura 20: Estação Cerrado atualmente. Fonte: http://www.estacoesbrasileiras.com.br/cerrado/
Figura 21: Estação Santa Rosa atualmente. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 22: Estação Santa Rosa atualmente. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 23: Estação Santa Rosa atualmente. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.

Figura 24: Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 25: Bibliotheca Pública de Pelotas. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 26: Edifício Ely em Porto Alegre. Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_UaUkiappWn0/TMQD2gHQYUI/AAAAAAAABSA/sqqkoC8qXJU/s1600/Edif%C3%ADcio+Ely+2.JPG

Figura 27: Theatro Pedro II em Ribeirão Preto. Fonte: http://www.sextaadomingo.com.br/wp-content/uploads/2014/11/RIBEIRAO_PRETO_shutterstock_186733742_1000X667.jpg
Figura 28: Câmara Municipal de Santa Rosa de Viterbo. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 29: Antiga residência de Constâncio Sampaio, em Santa Rosa de Viterbo.
Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 30: Esquadria da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em detalhe. Fonte: https://orioqueorionaove.files.wordpress.com/2012/09/dsc_7848-copy.jpg
Figura 31:Interior do Bar Mandíbula. Fonte: https://arcowebarquivos-us.s3.amazonaws.com/imagens/60/29/arq_56029.jpg
Figura 32: Instalação de xícaras no Origo Coffee Bar. Fonte: http://lama.ro/files/assets/img_items/5d3c63fc6fc4448681df-9d3242899b5d_1200.jpg
Figura 33: Esquadria da Casa de Câmara e Cadeia de Florianópolis, em detalhe. Fonte: https://ndonline.com.br/media/cache/filter_550_380/files/images/2015/03/13-03-2015-20-38-04-casa-camara-restauracao-110315-foto-bruno-ropelato-mg-0367.jpg
Figura 34: Esquadria da Panificadora Casa Bonomi, em detalhe. Fonte: http://chatadegalocha.com/wp-content/uploads/2013/12/bonomi-31-480x480.jpg
Figura 35: Fachada da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: http://static.panoramio.com/photos/original/46755820.jpg
Figura 36: Vista para a empena cega da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/b0a1d3033f74_v_figura1.jpg
Figura 37: Salão Leopoldo Miguez, da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: https://c1.staticflickr.com/1/151/414710024_fb3a07ae72_b.jpg
Figura 38: Processo de Restauração das esquadrias da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: http://www.pires.com/wp-content/uploads/escola-musica-ufrj-3_gd1-687x1030.jpg
Figura 39: Casa de Câmara e Cadeia de Florianópolis. Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-7NeNbCUAmwQ/Ur2wQY_a-CI/AAAAAAAABdI/MnAEXzDP7iE/s1600/c.JPG
Figura 40: Desenho técnico da proposta de restauração da fachada da Antiga Casa de Câmara e cadeia de Florianópolis. Fonte: Site da Prefeitura de Florianópolis
Figura 41: Antiga Casa de Câmara e Cadeia de Florianópolis sendo restaurada. Fonte: https://app1.ndonline.com.br/files/images/2017/03/cropped/2bbb1d887f32728465f816b60804f2447f3bbf45.jpg

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 42: Fachada da Casa Bonomi. Fonte: https://ourlifeinbh.files.wordpress.com/2014/05/20140511_101545.jpg
Figura 43: Projeto da fachada da Casa Bonomi restaurada. Em destaque, o trecho de fachada acrescido. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.196/6222
Figura 44: Interior da Casa Bonomi. Fonte: Figura 42: Fachada da Casa Bonomi. Fonte: https://ourlifeinbh.files.wordpress.com/2014/05/20140511_101545.jpg
Figura 45: Plantas dos pavimentos térreo e superior da Panificadora Casa Bonomi. Fonte: Revista Projeto Design, jul. 1996, com divulgação em http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/29c900b4593a_bonomi_10.jpg
Figura 46 (à esquerda): Interior do Origo Coffee Bar. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518acb33b-3fc4bd91700003d-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-photo
Figura 47: Interior do Origo Coffee Bar, com destaque para o mobiliário. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518acb01b3fc4bd91700003c-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-photo
Figura 48: Interior do Origo Coffee Bar. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518acb33b3fc4bd-91700003d-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-photo
Figura 49: Planta do Origo Coffee Bar. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518aca99b3fc4b693a-00003c-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-plan
Figura 50: Corte do Origo Coffee Bar. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518aca91b3fc4b693a-00003b-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-section
Figura 51 (à esquerda): Interior do Bar Mandíbula. Fonte: http://payload285.cargocollective.com/1/4/157764/8014053/MAN_08_1350.jpg
Figura 52: Interior do Bar Mandíbula. Fonte: http://payload285.cargocollective.com/1/4/157764/8014053/MAN_12_1390.jpg
Figura 53: Planta e corte do Bar Mandíbula. Fonte: http://payload285.cargocollective.com/1/4/157764/8014053/AP01_2013_12_09_01-01_1271.jpg
Figura 54 (à direita): Fachada do Bar Mandíbula. Fonte: http://payload285.cargocollective.com/1/4/157764/8014053/MAN_02_1157.jpg
Figura 55: Fachada do Sobrado Chiaramonte antes da remoção das esquadrias do pavimento superior. Fonte: Omar Nagib. Arquivo Pessoal.
Figura 56: O Sobrado Chiaramonte, em registro da época em que abrigava o primeiro Grupo Escolar de Santa Rosa de Viterbo. Fonte: Romeu Antunes. Arquivo Pessoal.
Figura 57: Alunos e professores do Grupo Escolar em frente ao Sobrado Chiaramonte no ano de 1929. Fonte: Jornal comemorativo do centenário da E.E.P.S.G. Teófilo Siqueira.
Figura 58: Foto do interior do Sobrado Chiaramonte, quando abrigava o Bar Serrani-Meloni. Fonte: Alberto Meloni. Arquivo Pessoal.
Figura 59: Sobrado Chiaramonte, antes da retirada de suas esquadrias do pavimento superior. Fonte: Omar Nagib. Arquivo Pessoal.
Figura 60: Sobrado Chiaramonte, após a retirada de suas esquadrias do pavimento superior. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 61: Fachada sul do Sobrado Chiaramonte, com indicação dos eixos de simetria. Elaboração: Mayara Silva

Figura 62: Divisória em alvenaria sobre barrote duplo. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 63: Escada do Sobrado Chiaramonte, encerrando no patamar. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 64: Desenho do Sobrado Chiaramonte feito por Antônio Lerco. Fonte: Tininha Martins. Arquivo Pessoal.
Figura 65: Lateral do Sobrado Chiaramonte, com manchas que evidenciam a existência da escada externa. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 66: Lateral do Sobrado Chiaramonte, com manchas que evidenciam a existência da escada externa, em detalhe. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 67: Foto da Praça Guido Maestrello, com o Sobrado Chiaramonte se destacando ao fundo. Fonte: http://blogdojuvenil4.blogspot.com.br
Figura 68: Foto da Praça Guido Maestrello, com o Sobrado Chiaramonte ao fundo, atrás do antigo coreto. Fonte: http://blogdojuvenil4.blogspot.com.br
Figura 69: Foto tirada do topo da igreja Matriz, com o Sobrado Chiaramonte à direita, na esquina. Fonte: http://blogdojuvenil4.blogspot.com.br
Figura 70: Antigo Cine Santa Rosa. Atualmente em desuso. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 71: E.E.P.G. Teófilo Siqueira. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 72: Igreja de Santo Antônio. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 73: Igreja Matriz de Santa Rosa de Viterbo. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 74: Foto aérea do centro de Santa Rosa, com o Sobrado Chiaramonte na esquina. Fonte: Ivan Mairauê. Arquivo Pessoal.
Figura 75: Detalhe da fachada sul do Sobrado Chiaramonte. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.
Figura 76: Cores da tinta tinta Suvinil Proteção Total Fosco que o Sobrado Chiaramonte receberá nas fachadas. Fonte: https://www.suvinil.com.br/
Figura 77: Detalhe das esquadrias da fachada leste do Sobrado Chiaramonte, com indicação da janela que será relocada. Fonte: Mayara Silva
Figura 78: Modelos de piso que o Sobrado Chiaramonte receberá após a restauração. Da esquerda para a direita, Portobello linha Essencial na cor Cimento Cinza; piso vinílico Tarkett Ambienta Stone Titanium e porcelanato Portobello linha Bauhaus cor Cement. Elaboração: Mayara Silva
Figura 79: Corte representativo da estrutura metálica e revestimento do piso do pavimento superior. Elaboração: Mayara Silva.
Figura 80: Levantamento dos barrotes de madeira, em planta. Elaboração: Mayara Silva
Figura 81: Método utilizado para a medição dos barrotes de madeira no Sobrado Chiaramonte. Fonte: Mayara Silva
Figura 82: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva
Figura 83: Planta da proposta de intervenção, com setorização dos blocos. Elaboração: Mayara Silva
Figura 84: Plantas de demolir/construir da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva
Figura 85: Plantas do pavimento térreo com proposta de layout para o Café-Bar. Elaboração: Mayara Silva
Figura 86: Plantas do pavimento térreo com proposta de layout para o Café-Bar. Elaboração: Mayara Silva
Figura 87: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva
Figura 88: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva
Figura 89: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva
Figura 90: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Foto 01. Data: 07/07/2017
Foto 02 Data: 07/07/2017
Foto 03. Data: 07/07/2017
Foto 04. Data: 07/07/2017
Foto 05. Data: 07/07/2017
Foto 06. Data: 07/07/2017
Foto 07. Data: 07/07/2017
Foto 08. Data: 07/07/2017
Foto 09. Data: 07/07/2017
Foto 10. Data: 07/07/2017
Foto 11. Data: 07/07/2017
Foto 12 Data: 12/06/2017
Foto 13. Data: 12/06/2017
Foto 14. Data: 12/06/2017
Foto 15. Data: 12/06/2017
Foto 16. Data: 12/06/2017
Foto 17. Data: 12/06/2017
Foto 18. Data: 12/06/2017
Foto 19. Data: 12/06/2017
Foto 20. Data: 12/06/2017
Foto 21. Data: 12/06/2017
Foto 22. Data: 12/06/2017
Foto 23. Data: 12/06/2017
Foto 24. Data: 12/06/2017
Foto 25. Data: 07/07/2017
Foto 26. Data: 12/06/2017
Foto 27. Data: 12/06/2017
Foto 28. Data: 12/06/2017
Foto 29. Data: 07/07/2017
Foto 30. Data: 12/06/2017
Foto 31. Data: 12/06/2017
Foto 32. Data: 12/06/2017
Foto 33. Data: 12/06/2017

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 01: Região Metropolitana de Ribeirão Preto no Estado de São Paulo. Elaboração: Mayara Silva. Abril/2017
Mapa 02: Mapa 02: Localização de Santa Rosa de Viterbo na Região Metropolitana de Ribeirão Preto. Elaboração: Mayara Silva. Abril/2017
Mapa 03: Mapa esquemático com a localização das Estações Ferroviárias. Elaboração: Mayara Silva. Maio/2017
Mapa 04: Evolução Urbana de Santa Rosa de Viterbo, de 1870 a 2010. Elaboração: Mayara Silva. Julho/2017
Mapa 05: Mapa de Uso do entorno do Sobrado Chiaramonte. Elaboração: Mayara Silva. Junho/2017
Mapa 06: Mapa de Gabarito do entorno do Sobrado Chiaramonte. Elaboração: Mayara Silva. Junho/2017

PROJETO DE RESTAURAÇÃO E PLANO DE CONSERVAÇÃO PARA O SOBRADO CHIARAMONTE

Preservação do Patrimônio cultural em Santa Rosa de Viterbo

1. Introdução..... 14
2. Justificativa do tema..... 15
3. Santa Rosa de Viterbo..... 16
3.1. História e formação urbana de Santa Rosa de Viterbo..... 18
3.2. A Fazenda Amália: das lavouras de café ao complexo industrial..... 20
3.3. A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e o desenvolvimento de Santa Rosa de Viterbo..... 24
3.4. Evolução Urbana e o panorama econômico atual..... 28
4. Arquitetura Eclética..... 31
4.1. O Ecletismo no Brasil e em Santa Rosa de Viterbo..... 32
5. Teorias Contemporâneas de Restauração e suas vertentes..... 34
6. Planos de Gestão da Conservação do Patrimônio Arquitetônico..... 38
6.1. Panorama atual da conservação do Patrimônio Histórico no Brasil..... 38
6.2. Planos de Gestão da Conservação..... 39
7. Estudos de Caso..... 43
7.1. Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro..... 44
7.2. Casa de Câmara e Cadeia - Florianópolis..... 49
7.3. Casa Bonomi - Belo Horizonte..... 53
7.4. Origo Coffee Bar - Bucareste..... 57
7.5. Bar Mandíbula - São Paulo..... 61

8. O Sobrado Chiaramonte.....64
8.1. História do edifício.....66
8.2. Descrição e análise formal.....70
8.3. Inserção urbana e entorno.....74
8.3.1. Mapa de uso e ocupação do entorno.....76
8.3.2. Mapa de gabarito do entorno.....77
8.4. Declaração de Significância.....79
8.5. Documentação fotográfica.....80
8.6. Análise da condição física atual.....90
8.6.1. Mapa de Danos.....96
8.7. Lista de Ações de Restauro.....97
8.8. Levantamento métrico-arquitetônico.....105
8.8.1. Plantas Baixas.....106
8.8.2. Fachadas.....108
8.8.3. Cortes.....112
9. Proposta de intervenção: Café-Bar Central.....115
9.1. Proposta geral de intervenção no edifício.....116
9.2. Programa do projeto.....124
9.3. Plano de Gestão da Conservação e de inspeção de rotina para o Sobrado Chiaramonte.....125
9.4. Orientações Técnicas e recomendações gerais.....127
9.5. Perspectivas do Projeto de Intervenção.....128
10. Referências Bibliográficas.....135

1. INTRODUÇÃO

O Sobrado Chiaramonte, localizado no antigo largo da Matriz de Santa Rosa de Viterbo, por trazer consigo a história da criação e desenvolvimento da cidade, foi escolhido como foco deste trabalho.

Construído em 1907, e inicialmente projetado para o comércio, o edifício abrigou funções importantes como a primeira Câmara de Vereadores, até 1917, e o primeiro Grupo Escolar da Região, no período de 1917 a 1937.

Apresentando características da arquitetura eclética, é, atualmente, um dos raros exemplares da arquitetura do início do Século XX no município. Com dois pavimentos, suas características físicas e volumetria o colocam como elemento de destaque e referência no contexto urbano. Desde 2009, o bem encontra-se fechado, sem uso, em franco processo de abandono e degradação.

No presente trabalho, o objetivo foi desenvolver um projeto de restauração, visando a reinserção do edifício na dinâmica urbana através de uma nova proposta de uso. Juntamente com o projeto, foi elaborado um Plano de Gestão da Conservação para o Sobrado Chiaramonte, conceito novo que associa conservação e manutenção, baseado nas particularidades do edifício. Desta forma, buscou-se mostrar que a conservação de bens patrimoniais exige não só um extenso estudo para que seja feita sua restauração, mas também que seja proposto um plano que delegará funções a quem cuidará do bem, visando a prolongação do seu tempo de conservação.

Em Santa Rosa de Viterbo, apesar de exemplos como a restauração da Estação Ferroviária Santa Rosa, em 1985, e da antiga Cadeia, em 1996, as práticas de preservação cultural são pouco usuais. A cidade ainda carece de um conselho de defesa e de leis que amparem o patrimônio histórico, que em sua maioria se encontram em desuso ou já descaracterizados.

A proposta de um projeto de restauração para o Sobrado Chiaramonte é motivada pelo reconhecimento de sua relevância, não só pelo seu valor arquitetônico - um dos poucos exemplares remanescentes da arquitetura eclética na cidade -, mas também por ser um testemunho da história santarosense, fazendo parte da vivência e da memória de várias gerações e, ainda hoje, uma referência urbana singular.

Assim, a restauração e o Plano de Gestão da Conservação propostos para o Sobrado Chiaramonte expressam a importância da preservação do patrimônio cultural como ação contribuinte para a identidade e coesão social.

Conforme nos ensina KUHL (2009),

> "É necessário ter em mente, porém, que o movente, aquilo que motiva a preservação dos monumentos históricos, não é seu valor imobiliário, nem seu possível aproveitamento para um futuro uso qualquer. A preservação é motivada pelo fato de nesses bens ser reconhecido um significado cultural – seu valor histórico, artístico, memorial ou simbólico - tornando-os dignos de medidas para ser tutelados para as próximas gerações, para que continuem a ser documentos fidedignos e efetivos suportes do conhecimento e da memória coletiva."

2. JUSTIFICATIVA DO TEMA



3. SANTA ROSA DE VITERBO



Figura 02: Praça Guido Maestrello e Matriz de Santa Rosa de Viterbo. Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_RODvn0wHGSA/TM2LekiiM4I/AAAAAAAAF1k/Bq3etHLDWfQ/s1600/SANTAROSA-DEVITERBOPRA%C3%87A.jpg

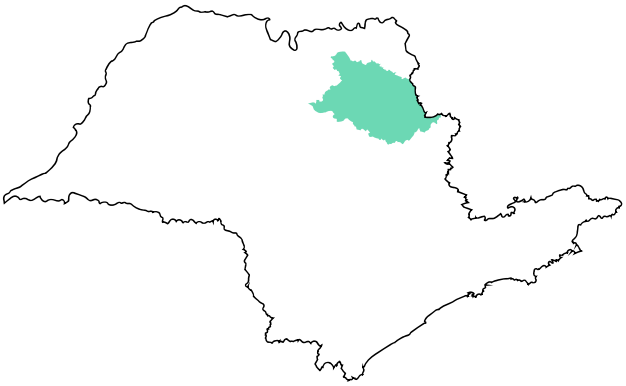
3.1. HISTÓRIA E FORMAÇÃO URBANA DE SANTA ROSA DE VITERBO

Santa Rosa de Viterbo é um município localizado no interior de São Paulo, na Região Metropolitana de Ribeirão Preto. Atualmente possui 25.720 habitantes, com uma área de 289,669 km².

O povoado que deu origem ao município era constituído por condôminos da Fazenda Lagoa, que juntamente com outras oito fazendas[1], foram doadas em 1810 pelo sesmeiro Simão da Silva Teixeira. A cidade de São Simão, a mais antiga da região, foi fundada em 1835 pelo sesmeiro, e a partir do seu posterior desmembramento foi fundado o município de Santa Rosa de Viterbo.

Segundo ANTUNES (2000), as fazendas primitivas de Santa Rosa de Viterbo eram utilizadas para a criação de gado com emprego de mão-de-obra escrava, atividade prioritária antes da implantação das lavouras de café. Em 1894, com a criação da Fazenda Amália - complexo industrial que viria a exercer domínio econômico na cidade, como veremos a seguir -, e a chegada de imigrantes, a agropecuária deixou de ser prioridade, sendo substituída pelo plantio de café e, posteriormente, pelas usinas de açúcar e álcool.

Assim como grande parte das cidades do interior de São Paulo, Santa Rosa de Viterbo teve seu desenvolvimento impulsionado também com a chegada da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em 1883, que visava expandir o cultivo do café.



Mapa 01: Região Metropolitana de Ribeirão Preto no Estado de São Paulo. Elaboração: Mayara Silva. Abril/2017



Mapa 02: Localização de Santa Rosa de Viterbo na Região Metropolitana de Ribeirão Preto. Elaboração: Mayara Silva. Abril/2017

1 Fazendas: Águas Claras, Filhos de Antônio Ribeiro, Coqueiros (ou Fazendinha), Várzea-e-Monjolinho, Cachoeirinha, Caçador, Dos Pintos, Monte Alto e Lagoa.

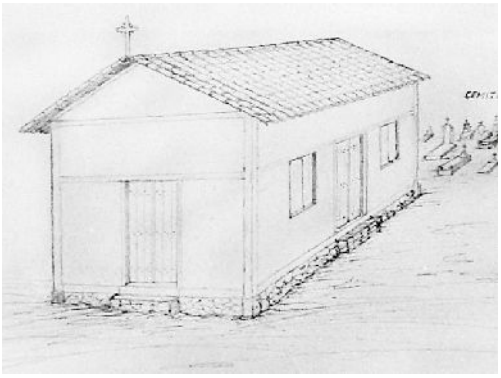
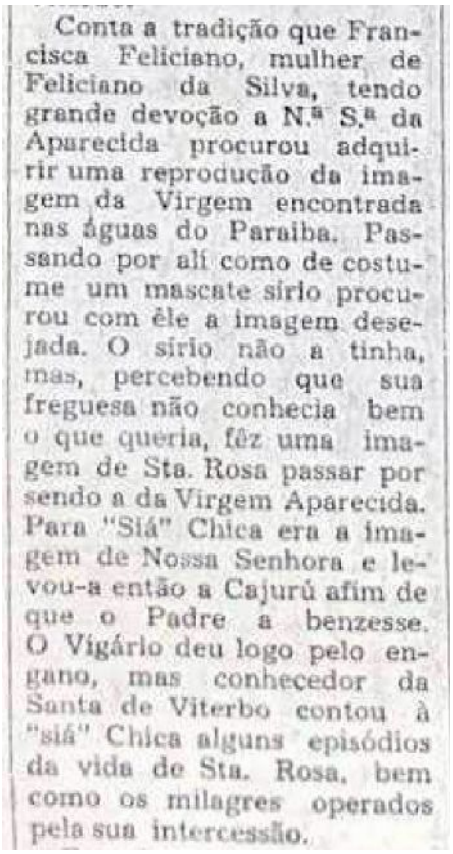


Figura 03: Desenho da primeira capela de Santa Rosa de Viterbo.
Fonte: Gaudino Rosa



Conta a tradição que Francisca Feliciano, mulher de Feliciano da Silva, tendo grande devoção a N.ª S.ª da Aparecida procurou adquirir uma reprodução da imagem da Virgem encontrada nas águas do Paraiba. Passando por alí como de costume um mascate sírio procurou com êle a imagem desejada. O sírio não a tinha, mas, percebendo que sua freguesa não conhecia bem o que queria, fêz uma imagem de Sta. Rosa passar por sendo a da Virgem Aparecida. Para "Siá" Chica era a imagem de Nossa Senhora e levou-a então a Cajurú afim de que o Padre a benzesse. O Vigário deu logo pelo engano, mas conhecedor da Santa de Viterbo contou à "siá" Chica alguns episódios da vida de Sta. Rosa, bem como os milagres operados pela sua intercessão.

Figura 04: Recorte do Jornal O Santarosense de setembro de 1957 relatando o engano da imagem da padroeira.
Fonte: Mayara Silva

Anteriormente chamado de Ibiquara, o município foi desmembrado de São Simão em 1910, e só recebeu o nome que possui hoje em 1949, em homenagem à Rosa de Viterbo, santa elegida padroeira da cidade devido a um equívoco. O mal entendido ocorreu por volta de 1883, quando os moradores da Fazenda Lagoa realizavam terços em louvor à Nossa Senhora Aparecida, realizados na casa do casal Francisco Feliciano e Francisca Feliciano, sempre levando oferendas nessas reuniões. Com isso, surgiu a ideia da realização de um leilão dessas ofertas, em que o dinheiro arrecadado seria destinado à construção de uma capela.

Para a capela, foi adquirida de um mascate uma imagem que se acreditava ser de Nossa Senhora Aparecida, mas que na verdade se tratava de Rosa de Viterbo, santa a quem atribuíram diversos milagres na Itália. O engano só foi descoberto ao levarem a imagem até o padre de Cajuru para realizar a bênção, mas os moradores aceitaram sua nova padroeira, e o município se tornou o primeiro território brasileiro sob sua proteção.



Figura 05: Nossa Senhora Aparecida.
Fonte: http://cleofas.com.br/wp-content/uploads/2011/10/APARECIDA.jpg



Figura 06: Rosa de Viterbo, santa padroeira da cidade. Fonte: https://lh4.googleusercontent.com/-RwNhPJR_2zY/TXmMKCtSv_I/AAAAAAAADjs/eFy6uq9_uqw/s1600/santa_rosa.jpg

3.2. A FAZENDA AMÁLIA:
das lavouras de café ao complexo industrial



Figura 07: Usina Amália. Fonte: Indústrias Reunídas Fábricas Matarazzo - IRFM - Memória e preservação

Em janeiro de 1894, antes que Santa Rosa de Viterbo fosse elevada à condição de Vila, o empresário Henrique Santos Dumont comprou as fazendas London e Santa Constância, na época pertencentes ao município de São Simão. Visava o cultivo de café com mão-de-obra imigrante, em especial a italiana, a exemplo do que o pai, Henrique Dumont, já fazia em Ribeirão Preto.

Em homenagem à esposa[2], a fazenda recebeu o nome de Amália, e teve várias outras glebas anexadas ao seu território ao longo do tempo. Por estarem localizadas às margens do Rio Pardo, as terras não eram propícias à cafeicultura, o que tornou o plantio de cana-de-açúcar prioritário e ocasionou a diminuição dos cafezais.

No ano de 1900, foi construído um engenho dentro da fazenda para a produção de açúcar, álcool e aguardente, o que atraiu ainda mais imigrantes, que se instalaram em colônias localizadas na propriedade. O crescimento do complexo e as oportunidades de trabalho que ele gerou foram responsáveis pelo desenvolvimento da cidade, contando com a ajuda da ligação da fazenda com a linha tronco da Mogiana através de uma ferrovia particular que as uniam. Foi criada uma estação da Companhia de Estradas de Ferro dentro da propriedade, que foi chamada de Estação Amália.



Figura 08: Amália Ferreira de Camargo Dumont e Henrique Santos Dumont. Fonte: Galdino Rosa

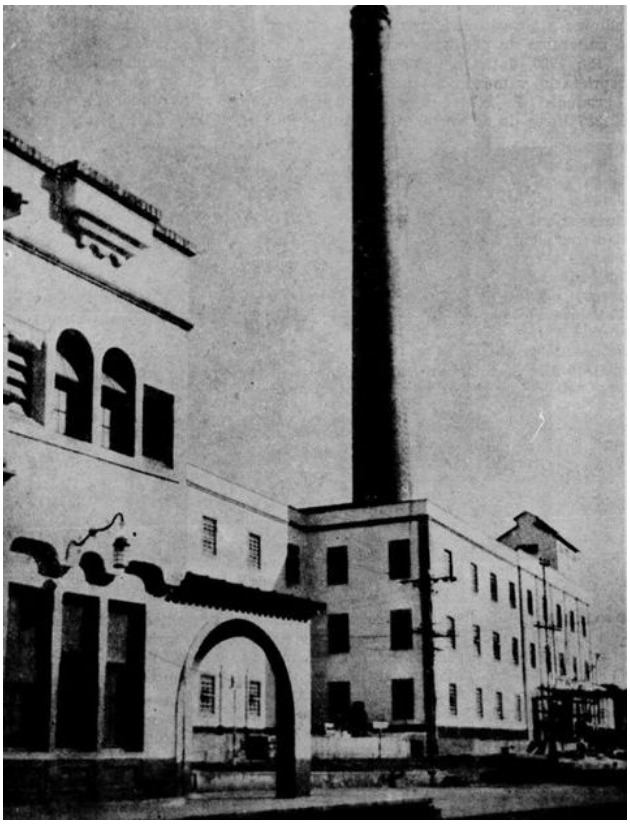


Figura 09: Usina Amália em 1949. Fonte: Indústrias Reunídas Fábricas Matarazzo - IRFM - Memória e preservação

2 Amália Ferreira de Camargo, filha do barão e da baronesa de Ibitinga.

Após a morte de Henrique Santos Dumont, em 1920, seus herdeiros venderam a propriedade para a Cia. Mecânica de São Paulo, de Francisco Matarazzo e Francisco Schmidt, e seu nome passou a ser Sociedade Agrícola Fazenda Amália. Apesar da aquisição, Francisco Matarazzo mostrava desinteresse pelo complexo, o qual, em 1930 foi comprado integralmente por seu filho, Francisco Matarazzo Jr, que viria a remodelar a usina e diversificar sua produção agrícola. Desta forma, o complexo passou a contar também com fábricas de papelão, ácido cítrico e éter sulfúrico, e com o cultivo de goiaba, marmelo e tomate.



Na década de 1960 os trabalhadores da Amália entraram em greve, o que levou Conde Francisco Matarazzo Jr a expulsar os colonos de sua fazenda. Assim, Santa Rosa de Viterbo enfrentou o maior êxodo rural de sua história, o que colaborou para seu crescimento urbano. Além do despovoamento de suas colônias, o complexo industrial sofreu uma queda no crescimento econômico, enfrentando dificuldades nas décadas de 1970 e 1980; em 2015, após um século de existência, o primitivo motor econômico da cidade encerrou seu funcionamento.

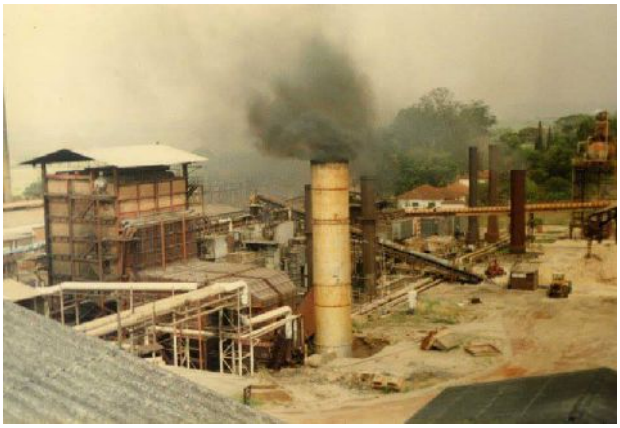


Figura 11: Usina de açúcar da Fazenda Amália. Fonte: Adriano Hilário de Oliveira

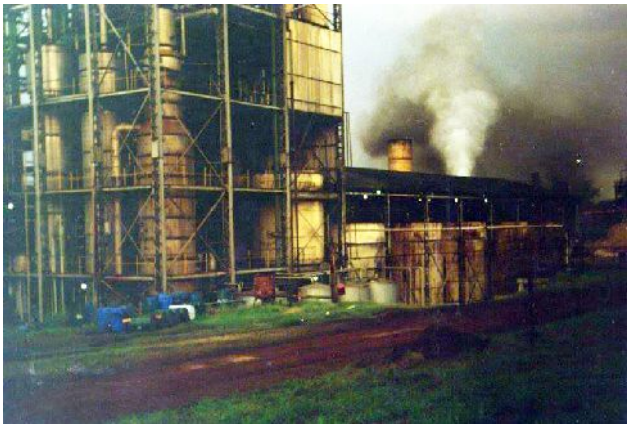


Figura 12: Usina de açúcar da Fazenda Amália. Fonte: Adriano Hilário de Oliveira



Figura 13: Usina de açúcar da Fazenda Amália. Fonte: Adriano Hilário de Oliveira

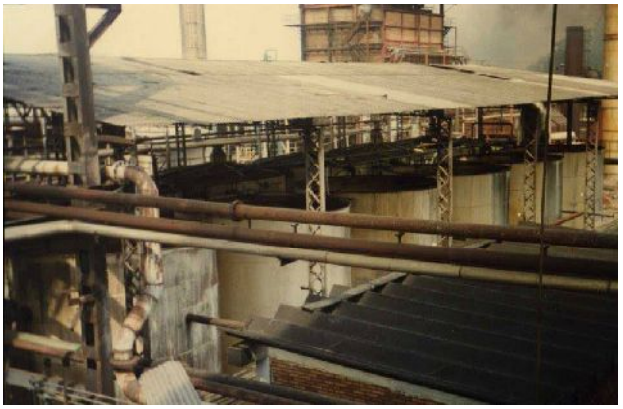


Figura 14: Usina de açúcar da Fazenda Amália. Fonte: Adriano Hilário de Oliveira

Figura 10 (à esquerda): Complexo Industrial Amália. Fonte: https://santarosadevi-terbo.files.wordpress.com/2015/02/sede-da-fazenda-amalia-na-decada-de-1940.jpg

3.3. A COMPANHIA MOGIANA DE ESTRADAS DE FERRO

e o desenvolvimento de Santa Rosa de Viterbo



Figura 15: Estação Santa Rosa. Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_RODvn0wHGSA/TMi1QYh59FI/AAAAAAAAFwc/n6qVTLdrNVo/s1600/ASANTAROSAESTA%-C3%87AO.jpg

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, com sede na cidade de Campinas, foi uma companhia ferroviária paulista fundada em 1872. Foi criada para mobilizar a expansão da cultura do café em direção ao interior da então Província de São Paulo, o que acabou por proporcionar o crescimento e desenvolvimento de várias cidades do interior do Estado.

A Linha Tronco da Estrada de Ferro Mogiana, que originalmente iria de Campinas para a cidade de Franca, teve seu trajeto alterado para chegar à cidade de Ribeirão Preto, passando por Casa Branca, em 1878, e São Simão, em 1882. A chegada da ferrovia trouxe o progresso à toda região, transferindo o escoamento da produção rural do centro comercial de Casa Branca para a Estação São Simão.

Em 1892 foi inaugurada a Estação Cerrado, localizada no atual perímetro urbano de São Simão, e era mais próxima à Fazenda Lagoa e com melhor acesso. A Estação Cerrado passou a ser cada vez mais utilizada por tropeiros e Lagoa tornou-se um entreposto comercial no meio da estrada de ferro que ligava Cajuru à Estação, o que proporcionou o crescimento urbano do povoado.

Outro fator que influenciou no aumento da população foi uma epidemia de febre amarela em São Simão, no ano de 1896, a qual, espalhada pela estrada de ferro, causou uma grande redução habitacional na cidade. O medo da doença fez com que famílias se mudassem para a periferia de Santa Rosa, que, de 1890 a 1900, passou de 420 para 560 habitantes.



Figura 16: Estação Santa Rosa. Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_RODvn0wHGSA/TM27DsJYxsI/AAAAAAAAF2M/qNRBAWzG-1M/s1600/A-SANTA-ROSA-menia-na-esta%-C3%A7.jpg

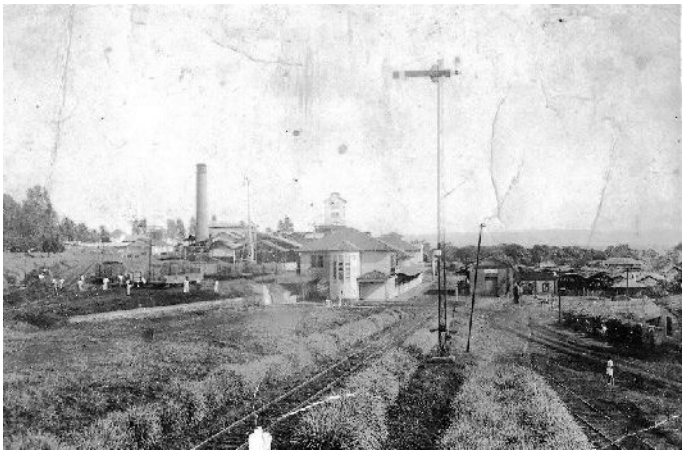


Figura 17: Estrada de ferro passando pela fazenda Amália em 1930. Fonte: Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo - IRFM - Memória e preservação

Através da iniciativa de Henrique Dumont, fundador da fazenda Amália, foram edificadas mais três estações na cidade ao longo do tempo: a Estação Santa Rosa, Estação Cerrado e Estação Amália. De acordo com ANTUNES (2000), a Estação Santa Rosa – que atualmente funciona como escola de música - foi construída por Dumont, e não pela Companhia Mogiana, como era costume. Entretanto, foi edificada seguindo os padrões arquitetônicos adotados pela Companhia de Estradas de Ferro, sendo vendida após sua finalização em 1909 para a mesma. Para estender a ferrovia particular de Henrique Santos Dumont até Cajuru, a Mogiana construiu, em 1912, uma ponte de ferro sobre o rio Pardo, que facilitou o acesso para os moradores das colônias da fazenda Amália, e permanece em funcionamento até os dias atuais.



Figura 18: Ponte de Ferro sobre o Rio Pardo. Fonte: Mayara Silva

Na década de 1930, com o declínio da produção de café e os problemas econômicos originados pela Segunda Guerra Mundial, a Mogiana entrou em dificuldades financeiras, que refletiram negativamente na prestação de seus serviços e passou a ser controlada pelo Governo do Estado de São Paulo, em 1952. Com o tempo, os trechos da ferrovia foram sendo desativados pela Mogiana, mas o desvio particular da fazenda Amália permaneceu em uso até 1971, quando foi criada a FEPASA, que unificaria todas as ferrovias do estado.



Mapa 03: Mapa esquemático com a localização das Estações Ferroviárias. Elaboração: Mayara Silva. Maio/2017

A Estação Amália, localizada na propriedade do conde Francisco Matarazzo Jr, foi transformada em depósito. Em 1985, a Prefeitura reformou a Estação Santa Rosa, localizada no perímetro urbano do município e que se encontrava abandonada, para ser sede da Fundação Cultural, recebendo o nome de Estação da Cultura. O terreno, por onde passava a ferrovia dentro do perímetro urbano, foi loteado e, em seu leito, foi construída a avenida São Paulo.

A Estação Cerrado, pertencente ao município de São Simão, se encontra bem conservada e agora é uma residência.



Figura 19: Estação da Fazenda Amália atualmente. Fonte: https://santarosadeviterbo.files.wordpress.com/2015/10/fazenda-amalia-estacao-amalia.jpg



Figura 20: Estação Cerrado atualmente. Fonte: http://www.estacoesbrasileiras.com.br/cerrado/







Figuras 21, 22 e 23: Estação Santa Rosa. Fonte: Mayara Silva

3.4. EVOLUÇÃO URBANA
e o panorama econômico atual

O crescimento urbano de Santa Rosa de Viterbo, apesar dos importantes acontecimentos mencionados anteriormente, foi mais significativo a partir de 1960. Tal crescimento provavelmente se deve ao êxodo rural causado pelas demissões na Fazenda Amália, que fez com que os colonos se estabelecessem na cidade. Com isso o município começou a regulamentar seus primeiros bairros, contando até então apenas com o Centro e Inhumirim, antigo distrito da cidade. Desde então foram criados outros 29 bairros[3] que configuram o atual território santarosense.

Quanto aos aspectos econômicos, observa-se que esta era anteriormente impulsionada pela agropecuária, mas a economia atual de Santa Rosa de Viterbo apresenta pequena porcentagem do PIB vinda deste tipo de atividade. A renda do município é proveniente principalmente do comércio, de profissionais liberais e do serviço público. A indústria prevalece como área de destaque na economia, contando com usinas e fábricas, que são responsáveis por mais de 40% do PIB da cidade.

As lavouras ocupam quase dois terços da área total do município, com maior parte destinada ao cultivo da cana-de-açúcar para abastecimento das usinas. Também destaca-se o cultivo de laranja, café e a presença da agricultura de subsistência com a produção principalmente de mandioca, milho, soja e feijão.

Em menor proporção, a cidade também conta com a silvicultura de eucalipto e com a apicultura para impulsionar sua economia.

3 Centro (1910), Nhumirim (1910), Santa Terezinha (1962), Vila Ranzani (1963), Jardim Gurilândia (1964), Vila Bandeirante (1964), Vila Barros (1964), Vila Rivaí Mendes (1964), Jardim Boa Vista (1966), Jardim Planalto (1972), Jardim Alto da Boa Vista (1976), Jardim Primavera (1976), Parque do Sol Nascente (1977), Jardim das Flores (1977), Conjunto Habitacional Delduque Ribeiro Garcia (1980), Conjunto Habitacional Liliana Urtiaga Andreazza (1980), Jardim Aquarius (1980), Chácara Lagoinha (1981), Jardim Nova Roma (1985), Jardim Elite (1988), Jardim do Sol (1988), Residencial Luiz Gonzaga (1988), Conjunto Habitacional Jardim Adib Moussa (1990), Nova Santa Rosa (1991), Jardim Petrópolis (1991), Conjunto Habitacional Arthur Argeri (1995), Parque Residencial Ai Carneiro Barbosa (1997), Jardim Júlio Moretti (2001), Jardim Itamaraty (2008), Jardim Dom Bosco III (2010) e Residencial Paloma (2010)



Mapa 04: Evolução Urbana de Santa Rosa de Viterbo, de 1870 a 2010. Elaboração: Mayara Silva.
Julho/2017



Figura 24: Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Fonte: Mayara Silva

4. ARQUITETURA ECLÉTICA

O desenvolvimento industrial e de sistemas de transporte que a Europa vivenciou na segunda metade do século XIX fez com que as cidades se expandissem, e o mesmo aconteceu com a mentalidade da população. A incorporação de inovações tecnológicas e de soluções plásticas e construtivas mais elaboradas gerou novas formas de uso da arquitetura e também uma busca por monumentalidade nos edifícios.

A chamada Arquitetura Eclética representou o conflito de culturas e a busca pela personalização, sentimentos gerados pelas alterações no modo de vida europeu e que resultaram em exemplares compostos de uma somatória de criações individuais. O Ecletismo teve sua popularização ampliada pela liberdade que representava, já que o público burguês poderia escolher as características dos outros estilos arquitetônicos que lhe agradavam para aplicar em seus edifícios. Essa liberdade fez com que não houvesse uma unanimidade nas regras de composição, e as soluções plásticas descontroladas nem sempre geravam bons resultados.

O aprendizado, antes praticamente individual e adquirido no próprio canteiro de obra, passa a ser ensinado em escolas de nível superior de forma sistemática e complexa. Essas mudanças podem ser percebidas através da arquitetura que surge nessa época e que foi amplamente reproduzida, apesar de bastante criticada por arquitetos e intelectuais do período.

Entretanto, o uso de referências do passado e a mescla de estilos arquitetônicos produziu exemplares importantes e que serviram de modelo para as construções brasileiras a partir do fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

4.1. O ECLETISMO NO BRASIL
e em Santa Rosa de Viterbo

Semelhantemente ao que ocorria na Europa, o Brasil também passava por um período de instabilidade social e política devido às recentes abolição da escravatura e proclamação da República.

A vinda de imigrantes para o país trouxe consigo a mentalidade europeia não só em relação ao seu modo de vida, mas também de suas preferências arquitetônicas. Isso era evidenciado pela visível mudança nos materiais usados na estrutura e no acabamento das edificações, assim como sua aplicação, que passou a ser mais precisa. A recém-chegada mão-de-obra qualificada e a importação de bens industrializados influenciaram a busca de uma arquitetura inspirada em modelos europeus, admirados pela elite. Com isso, além das residências, surgiram hotéis, restaurantes, confeitarias e diversos outros tipos de estabelecimentos comerciais e de serviços, todos com forte influência francesa.

Como explica FABRIS (1987), a popularidade da arquitetura eclética fez crescer a oposição aos exemplares coloniais que existiam no Brasil, e grande parte das construções de taipa foi substituída por edificações em alvenaria de tijolos.



Figura 25: Bibliotheca Pública de Pelotas. Fonte: Mayara Silva



Figura 26: Edifício Ely em Porto Alegre. Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_UaUkiappWn0/TMQD2gHQYUI/AAAAAAAABSA/sqqkoC8qXJU/s1600/Edif%C3%ADcio+Ely+2.JPG



Figura 27: Theatro Pedro II em Ribeirão Preto. Fonte: http://www.sextaadomingo.com.br/wp-content/uploads/2014/11/RIBEIRAO_PRETO_shutterstock_186733742_1000X667.jpg

As manifestações do ecletismo podiam ser percebidas em várias esferas. Nas cidades, que vivenciaram um aumento expressivo na quantidade de prédios nesse período, e tiveram parte de suas edificações derrubadas e substituídas. Nas fachadas, que passaram a ser alinhadas à testada do lote e receberam gradis e portões de ferro.

REIS FILHO (1978) relata que as residências ganharam afastamentos frontais e laterais, com presença de pátios e jardins, e parte da produção também teve o beiral substituído por platibandas decoradas com relevos, ocultando as coberturas que passaram a ter quatro águas. Sua implantação também foi alterada, e as residências deixaram de ser comumente geminadas, passando a ter a entrada principal deslocada para a lateral do terreno.

Em Santa Rosa de Viterbo, além do Sobrado Chiaramonte, a atual Câmara Municipal, construída em 1937, também foi edificada com características ecléticas, apesar de sua atual descaracterização. A antiga residência de Constâncio Sampaio, médico que atuou no município, também é testemunha da arquitetura eclética no centro da cidade, e assim como a Câmara Municipal, se encontra em bom estado de conservação.



Figura 28: Câmara Municipal de Santa Rosa de Viterbo. Fonte: Mayara Silva


Figura 29: Antiga residência de Constâncio Sampaio, em Santa Rosa de Viterbo.
Fonte: Mayara Silva

5. TEORIAS CONTEMPORÂNEAS DE RESTAURAÇÃO e suas vertentes

Antes de se firmar como campo disciplinar autônomo - o que só veio a acontecer no final do século XIX -, a restauração era representada por intervenções sem embasamento teórico e que não respeitavam os aspectos memoriais e as especificidades dos edifícios. Tratava-se, em geral, de reformas pragmáticas, majoritariamente norteadas pela readequação dos prédios às necessidades do uso que viriam a receber.

Somente no final do século XIX e início do século XX surgem os primeiros teóricos do restauro, Viollet-le-Duc (1814-1879) e John Ruskin (1819-1900), que possuíam visões divergentes. Le-Duc priorizava a restituição do estado completo da obra, mesmo que idealizado, e com acréscimos não originais, para promover uma unidade estilística. Já Ruskin defendia a preservação da passagem do tempo nos edifícios, com base em manutenções cíclicas que estendessem a conservação pura do mesmo.

Intermediariamente a essas correntes antagônicas, surge o restauro fisiológico de Camilo Boito (1836-1914), que também defendia a preservação da passagem do tempo no edifício, porém sem o conservadorismo extremo de Ruskin. Segundo seu ponto de vista, as intervenções eram permitidas quando necessárias, desde que pautadas em documentação histórica e que se distinguissem visualmente da matéria original, através da utilização de materiais distintos e identificação das datas da obra de restauro.

No fim do século XIX e início do XX, Alois Riegl contribuiu para que surgissem inovações nos âmbitos teórico e prático da preservação de monumentos históricos, abordando o papel destes para a sociedade. Suas propostas não eram baseadas apenas em questões histórico-artísticas e nem pautadas na unidade de estilo, mas consideravam os traços de ancianidade do bem e suas estratificações. De acordo com KUHL (2009), Riegl também se contrapôs à ideia de que monumentos históricos são apenas objetos de grande relevância histórica e artística, mas sim qualquer obra humana com certa antiguidade.

Já na segunda metade do século XX, Cesare Brandi buscou incorporar a restauração ao pensamento crítico e às ciências, sistematizando suas ideias no livro Teoria da Restauração, publicado em 1963. Para Brandi, cada obra possui uma compreensão individual, portanto o restauro não poderia ser feito de maneira arbitrária, mas sim seguindo métodos e tendo como base seu processo histórico-crítico.

Como nos ensina CUNHA (2012), Brandi defendia a prevalência da instância estética sobre a histórica, e pautava sua teoria em dois axiomas: o da restauração somente da matéria e do restabelecimento da unidade potencial da obra de arte.

Em sua teoria, ele caracteriza a restauração como "o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão ao futuro." (BRANDI, 2004, p.30)

De acordo com Kuhl (2009), as teorias contemporâneas de restauração, no âmbito italiano, atualmente podem ser divididas em três vertentes, a Crítico-conservativa e criativa, a Pura Conservação e a Manutenção-repristinação.

A Crítico-conservativa e criativa, também chamada de Posição Central, tem como base a teoria brandiana e a releitura do restauro crítico. Nesta vertente o restauro é entendido como ato crítico e embasado na história e filosofia, conferindo grande atenção aos valores documentais e formais.

A teoria crítico-conservativa e criativa admite a utilização de recursos criativos no tratamento de questões envolvidas no processo de restauração, como a remoção de adições ou a reintegração de lacunas. No entanto, recusa o mimetismo, exigindo a distinguibilidade das intervenções nas obras, caso fossem necessárias.

Já a Pura Conservação ou Conservação Integral, contrária à Crítico-conservativa, considera o restauro como sendo oposto e inconciliável à conservação. Esta teoria critica a relatividade do juízo histórico-crítico, assim como a distinção entre as instâncias estética e histórica, ambos defendidos por Brandi.

Para seus teóricos, a forma do objeto é adquirida pela passagem do mesmo pelo tempo, e sua instância histórica deve ser respeitada de modo absoluto, sendo a manutenção a melhor forma de evitar ou eliminar as causas de degradação da obra. A busca pelo estado completo da obra não é abordada por esta vertente, que admitia uma configuração final descontínua ou conflituosa, desde que sem acréscimos.

A Manutenção-Repristinação ou Hipermanutenção também defende o tratamento da obra através de manutenções. Entretanto, ao contrário da Conservação Integral, posiciona-se contra o estado fragmentário da obra, retomando técnicas e formas do passado de modo a manter a linguagem do bem.

A hipermanutenção se baseia em uma lógica indutiva, com postura que parte da própria obra, geralmente com intervenções propostas por analogias. Nesta vertente as substituições ocorriam apenas onde era impreterível.

Apesar da discordância e pluralidade apresentadas pelas teorias contemporâneas, o consenso que as une é de que a prática da restauração deve ser fundamentada pelo respeito pela obra e seu contexto, de modo a preservar sua história para a posteridade.

É necessário que o processo tenha em vista alguns princípios fundamentais, como a distinguibilidade, a reversibilidade e a mínima intervenção. Pensados de forma concomitante, estes princípios evitam atitudes individualistas e a confusão do observador perante a intervenção, que deve respeitar a configuração da obra e oferecer a capacidade de uma restituição futura.

6. Planos de Gestão da Conservação do Patrimônio Arquitetônico

A falta de manutenção é um dos principais fatores de degradação de edifícios e cidades, especialmente se tratando de bens e sítios patrimoniais. Grandes danificações e até perdas poderiam ser evitadas caso houvesse um planejamento de inspeção para monitorar o funcionamento e a integridade dos bens, que no caso de edifícios históricos, são ainda mais prejudicados devido à falência natural de seus elementos. Serão expostos a seguir as características e o funcionamento dos Planos de Gestão da Conservação, mostrando como sua aplicação apresenta fundamental importância na preservação do patrimônio cultural.

6.1. Panorama atual da conservação do Patrimônio Histórico no Brasil

A preservação de bens patrimoniais é uma área que cada vez mais vem se expandindo e ganhando importância, com um aumento significativo de estudos relacionados ao tema. No entanto, os recursos destinados à preservação ainda são bastante escassos e de difícil obtenção, com atuação técnica especializada insuficiente para assegurar a conservação do patrimônio construído no Brasil.

Realizar manutenções constantes reduz a necessidade de intervenções, ou ao menos prolonga o tempo entre uma intervenção e outra, especialmente no caso dos edifícios. Entretanto, o que se vê em larga escala são os bens patrimoniais em desuso com elevado processo de degradação, ou restaurados, sem receber qualquer tipo de manutenção após isso. Desta forma, os gastos para a recuperação desses bens, que já são bastante limitados, se tornam ainda mais elevados e muitas vezes inviáveis.

Além da questão financeira, a falta de manutenção também implica em uma crescente perda de autenticidade do patrimônio. Isso ocorre porque, a cada intervenção, mais características originais do bem são perdidas, por mais respeitoso que seja o projeto de restauração. Com o tempo, grande parte de seus traços primitivos serão substituídos, acarretando na descaracterização do bem. Sendo assim, é de suma importância que se estabeleça diretrizes que assegurem a conservação da edificação restaurada, garantindo que sua preservação seja mais duradoura e evitando intervenções emergenciais posteriormente.

6.2. Planos de Gestão da Conservação

O plano de gestão da conservação dos edifícios é constituído por documentos técnicos que, de maneira integrada, visam garantir a manutenção constante do bem, prevendo uma série de cuidados que evitarão a necessidade de novos procedimentos de restauro. É composto de ações de curto, médio e longo prazo que devem ser realizadas após o término das obras de restauro, e da declaração dos aspectos significativos do edifício, evidenciando os valores materiais e imateriais mais importantes da construção. De acordo com AMORIM e LOUREIRO (2009), o plano de gestão da conversação de edifícios deve abranger todos os diferentes valores incorporados no bem – quer seja o valor histórico, científico, estético ou social – assim como deve incorporar outros valores de interesse, bem como lidar com os conflitos porventura existentes.

A manutenção deve ser minuciosamente planejada com base na compreensão do bem, tanto com relação aos seus valores materiais e simbólicos, quanto na definição de seus problemas, através do estabelecimento de procedimentos de conservação apropriados a cada situação.

Como explica TINOCO (2013),

> o Plano de Gestão da Conservação não se limita às ações das obras em si. Os procedimentos relacionados no plano devem ir além da entrega das obras ou serviços, monitorando a gestão do uso, bem como o desgaste e a falência natural dos seus componentes construtivos. Neste sentido, destacam-se as recomendações e orientações sobre as ações periódicas de inspeção e manutenção, bem como as estimativas dos custos desses procedimentos.

Portanto, cada edifício possui um plano de gestão da conservação gestão específico, baseado em suas peculiaridades e necessidades, e, através de coletas de dados da edificação, é possível estabelecer condutas que aperfeiçoem o uso da mesma e sua conservação adequada.

Para a elaboração das diretrizes de gestão, é necessário a coleta de dados e informações sobre a significância do bem, sua condição atual, seu estado de degradação e a identificação de suas patologias, para que se desenvolva um projeto baseado em suas necessidades. É preciso que se avalie as condições de uso e ocupação atuais, o declínio do desempenho do bem se comparado à expectativa original e as exigências do uso que se propõe para o edifício. Deve-se também determinar, com base no uso que a edificação receberá, as pessoas e instituições comprometidas e recursos destinados à implementação da manutenção, assegurando que esta seja cumprida.

Para sua eficácia é fundamental que sejam previstas, com base na utilização que o bem receberá, as inspeções cíclicas, regulares e de rotina. As inspeções cíclicas são previamente programadas e realizadas por profissionais especializados, em menor frequência, como, por exemplo, a inspeção da rede elétrica, feita a cada cinco anos. As inspeções regulares são as que exigem fiscalização mais de uma vez ao ano, realizadas por profissionais qualificados, como a inspeção da cobertura para verificar se existem telhas quebradas ou faltosas, especialmente antes e após os períodos de chuva. Já as inspeções de rotina são necessárias quase todos os dias, e podem ser realizadas pelos próprios funcionários do edifício. No caso de edifícios, por exemplo, trata-se da limpeza do local e de seu mobiliário, da verificação das instalações elétricas e da segurança, assegurando que portas e janelas estejam funcionando adequadamente. Eventualmente serão exigidas inspeções ou manutenções não planejadas, já que edifícios estão sujeitos às intempéries, como a quebra de telhas após chuvas fortes, mas através do plano de gestão da conservação pretende-se minimizar a necessidade destas intervenções.

Preferencialmente, o plano de gestão da conservação deve ser desenvolvido juntamente com o projeto de restauração, para que se consiga uma melhor estimativa de custos e que haja um estudo mais aprofundado das características que compõem o prédio . Deve-se também estudar os componentes construtivos, avaliando a vida útil dos materiais empregados para que a manutenção seja mais eficiente e apresente melhores resultados. Nos casos em que o projeto de restauração não inclui o plano gestão da conservação, este deve ser feito de modo a complementá-lo.

O uso que o edifício receberá é um importante fator para a definição do plano de gestão, já que funções serão delegadas às pessoas que utilizam o local, sejam funcionários ou moradores. Este tipo de planejamento faz com que, diariamente, a edificação seja monitorada por seus usuários, facilitando a identificação de degradações logo que se manifestam. Assim, é possível realizar intervenções menos agressivas ao bem e de forma precoce, evitando que os danos se agravem. O plano de gestão da conservação pode ser esquematizado através de modelos variáveis, geralmente com a elaboração de uma ficha de manutenção, que apresentará as medidas de manutenção necessárias, o período em que devem ser realizadas e o responsável pelo procedimento.

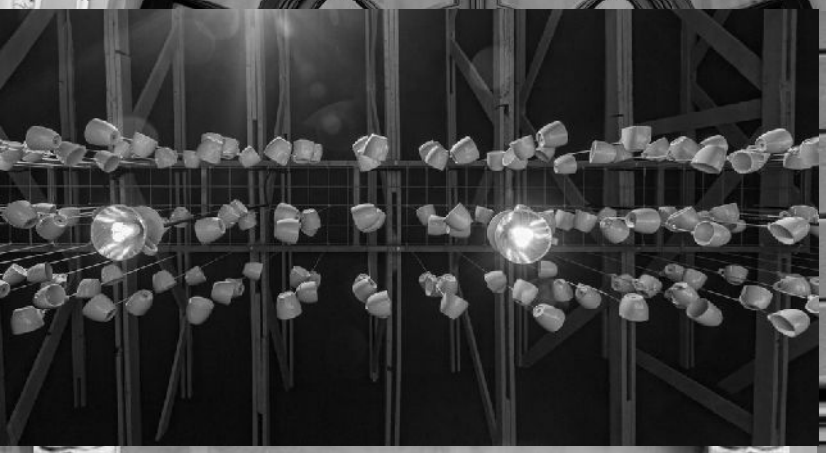
A abrangência das fichas de manutenção são variadas, podendo ser relativas ao edifício em sua totalidade ou mais específicas, ou até mesmo abrangendo a escala urbana[4], dependendo da necessidade do bem. Em casos que apresentem coberturas que exigem uma manutenção mais peculiar, por exemplo, pode-se elaborar um plano de manutenção específico para ela.

Neste trabalho, foi desenvolvido um Plano de Gestão da Conservação baseado nas características e necessidades do Sobrado Chiaramonte, considerando o uso proposto - um Café-Bar -, delegando funções a quem vivenciará e será responsável pelo edifício. As ações previstas são baseadas no estudo das condições atuais do bem e também considerando o projeto de restauração proposto no trabalho, de forma a assegurar que outras intervenções não sejam necessárias ao longo do tempo.

4 Em uma escala mais abrangente, os planos de gestão da conservação podem ser aplicados também às cidades, visando um melhor planejamento urbano que favoreça o desenvolvimento do município. Devido à sua grande escala, dificilmente a Conservação Urbana Integrada atingirá completamente seus objetivos de garantir a manutenção e monitorar todos os âmbitos necessários, como ocorre com os planos direcionados aos edifícios. Entretanto, várias questões das cidades podem ser resolvidas gradualmente, sendo o Plano favorável mesmo que não inteiramente cumprido.




MANDIBULA







Com o objetivo de auxiliar no processo projetual deste trabalho e de levantar reflexões a respeito das soluções adotadas em projetos de restauração, foram destacados três estudos de caso: a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Casa de Câmara e Cadeia de Florianópolis e a Casa Bonomi Panificadora, em Belo Horizonte.

Como referência para a elaboração do projeto do Café-Bar Central, proposta de uso a ser apresentada para o Sobrado Chiaramonte, serão destacados o Origo Coffee Bar e o Bar Mandíbula. O estudo de ambos foi primordial para o entendimento do funcionamento e distribuição do programa deste tipo de estabelecimento, além de orientar a organização espacial e definição do layout.

Tais estudos contribuíram significativamente nos âmbitos teórico, prático e técnico, norteando as decisões que embasaram o projeto a ser apresentado.

7. ESTUDOS DE CASO

Figura 30: Esquadria da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em detalhe. Fonte: https://orioqueorionaove.files.wordpress.com/2012/09/dsc_7848-copy.jpg
Figura 31:Interior do Bar Mandíbula. Fonte: https://arcowebarquivos-us.s3.amazonaws.com/imagens/60/29/arq_56029.jpg
Figura 32: Instalação de xícaras no Origo Coffee Bar. Fonte: http://lama.ro/files/assets/img_items/5d3c63fc6fc4448681df9d3242899b5d_1200.jpg
Figura 33: Esquadria da Casa de Câmara e Cadeia de Florianópolis, em detalhe. Fonte: https://ndonline.com.br/media/cache/filter_550_380/files/images/2015/03/13-03-2015-20-38-04-casa-camara-restauracao-110315-foto-bruno-ropelato-mg-0367.jpg
Figura 34: Esquadria da Panificadora Casa Bonomi, em detalhe. Fonte: http://chatadegalocha.com/wp-content/uploads/2013/12/bonomi31-480x480.jpg

7.1. ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO _ RIO DE JANEIRO



O prédio da Escola de Música da UFRJ, projetado pelo engenheiro Cipriano Lemos e finalizado na década de 20, é um exemplar da arquitetura eclética no Rio de Janeiro.

A escolha deste edifício como estudo de caso foi motivada pelas semelhanças de suas soluções construtivas com as do Sobrado Chiaramonte, foco deste trabalho, e pelos critérios utilizados em sua restauração.

A Escola de Musica da UFRJ teve seu prédio tombado pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC) – atual SEDREPAHC, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O tombamento ocorreu com a publicação do decreto 12.802 de 15 de abril de 1994, o qual alega que o edifício possui "importância histórica, artística e paisagística do imóvel" (Decreto do DGPC). O tombamento refere-se apenas ao 1° e 2° blocos, sendo o terceiro passível de modificações, desde que não destoe dos blocos tombados.

Sua localização, na região da Lapa, faz com que o edifício figure como um importante conjunto arquitetônico, juntamente com os Arcos da Lapa e o Passeio Público. MARTINS (2009) explica que, com a população que associava o progresso nacional à arquitetura moderna, o edifício também simboliza a resistência da arquitetura eclética, pois a região em que está inserida passou por uma obra de urbanização na década de 60 que removeu diversas edificações.

O edifício tem como sistema construtivo a alvenaria mista com faixas de pedra e cal e faixas tijolos maciços.

Assim como o Sobrado Chiaramonte, a Escola de Música da UFRJ também passou por diversas intervenções, como a edificação de um anexo para abrigar as salas de aula e a biblioteca, além da instalação de um elevador e de aparelhos de ar condicionado. Sofreu reformas internas e obras de caráter acústico para melhor adequação ao uso.

Figura 35 (à esquerda): Fachada da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: http://static.panoramio.com/photos/original/46755820.jpg

Sua restauração, iniciada em 2005, teve como responsável por sua execução o arquiteto Paulo Roberto Tavares Bellinha.

O projeto de restauração do telhado consistiu na troca das telhas francesas que não estivessem em bom estado de conservação, assim como do madeiramento existente – caibro, ripa, espigões, frechal e cumeeira.

As telhas que apresentavam bom estado de conservação foram retiradas e tratadas antes de serem recolocadas. No caso do madeiramento, as peças comprometidas foram retiradas, e as que estavam em bom estado de conservação receberam tratamento contra insetos xilófagos e bactérias, assim como as novas. Foi inserida uma calha em concreto e uma passarela para a manutenção das calhas, além de um passadiço em argamassa sobre as telhas para que fosse feita uma melhor manutenção dos telhados. Uma nova platibanda precisou ser feita em parte do telhado, e foi reconstruída em alvenaria de tijolo maciço, argamassa de areia e cal, chapisco e emboço.

Para a restauração das esquadrias, foi executado um levantamento que consistiu na identificação dos tipos, dimensões, materiais e ferragens de que eram compostas, para o mapeamento de danos e a posterior restauração. Procuraram recuperar o máximo possível das esquadrias e das ferragens, inserindo apenas novos elementos, principalmente ferragens, que não puderam ser recuperados, mas como tinham a base material puderam reproduzi-los, mantendo o aspecto original.

A restauração da fachada incluiu intervenções na argamassa, pintura e ornatos. Primeiramente foi feita a limpeza da fachada e sua decapagem através de processos mecânicos e químicos. Posteriormente foi retirado um pouco da argamassa para fazer a análise de seus componentes e definir o seu traço. Também foram feitas aberturas de janelas de prospecção em vários pontos com a finalidade de identificar qual era a cor de tinta original ou a mais antiga das fachadas.

Quanto à restauração dos ornatos, primeiramente eles foram limpos, depois verificaram qual seu padrão construtivo e por fim um mapeamento de danos foi confeccionado. Foi realizada a retirada de material para que se pudesse obter o traço, pois em alguns pontos havia a necessidade de recomposição de partes ou até mesmo de substituição.

Um dos pontos mais complexos do processo de restauração foi o Salão Leopoldo Miguez, pois contém elementos que são importantes para serem preservados - pintura mural, órgão - tendo que ser ao mesmo tempo um espaço funcional para abrigar apresentação de concertos nele realizados. Isso exige boa luminotécnica e refrigeração, e devido a todas essas questões, ainda não foi finalizada a restauração deste espaço.

A empena cega voltada para o largo da Lapa que é coberta por um painel de 1982, Paisagem Urbana, do artista plástico Ivan Freitas, também foi considerado um bem artístico, recebendo tombamento isolado. Ele apresentava um péssimo estado de conservação, com inúmeras pichações, infiltração, necessitando assim de uma restauração.



Figura 36: Vista para a empena cega da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/b0a1d-3033f74_v_figura1.jpg



Figura 37: Salão Leopoldo Miguez, da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: https://c1.staticflickr.com/1/151/414710024_fb3a07ae72_b.jpg



Figura 38: Processo de Restauração das esquadrias da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: http://www.pires.com/wp-content/uploads/escola-musica-ufrj-3_gd1-687x1030.jpg



Figura 39: Casa de Câmara e Cadeia de Florianópolis. Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-7NeNbCUAmwQ/Ur2wQY_a-CI/AAAAAAAABdI/MnAEX-zDP7I/s1600/c.JPG

7.2. ANTIGA CASA DE CÂMARA E CADEIA _ FLORIANÓPOLIS

Construída entre os anos de 1771 e 1780 com feições coloniais, teve suas características originais modificadas na reforma ocorrida entre 1902 e 1906, período em que foi removida a cadeia. A antiga Casa de Câmara e Cadeia, de propriedade da Prefeitura Municipal de Florianópolis, está tombada individualmente pelo Decreto Municipal nº 042/84 e faz parte do conjunto tombado pelos Decretos Municipais nº 270/86 e 521/89.

Funcionou como Câmara Municipal até 2005, e desta data até 2008 sediou eventos temporários, o que contribuiu para seu processo de degradação. Localizada na Praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis, após a restauração funcionará como Museu da História da Cidade. A restauração objetiva a valorização da área e o fortalecimento da sua identidade histórica e cultural, dinamizando o Centro Histórico da cidade.

O prédio, anteriormente edificado em estilo colonial, sofreu alterações que deram características ecléticas ao bem, como a adoção de vergas em arco pleno encimado por sobrevergas ornamentadas em todas as suas aberturas externas. Também foram inseridas ornamentações como mísulas, platibanda, cornijas e um medalhão central com relógio interno e estatuária no topo

Passou por várias intervenções ao longo do tempo, mesmo sem a aprovação pelo Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município (SEPHAN), como a remoção dos assoalhos e sua estrutura, a remoção dos forros e dos painéis da parede – ambos sem inventário prévio -.

O projeto de restauro é da arquiteta Suzane Albers Araújo, e executado pela restauradora Maria Anilta Nunes, e teve início em 2011, mas devido a atrasos na obra ainda não foi finalizado. Além da recuperação do edifício, o projeto prevê a construção de um anexo para acomodar as funções sanitárias, administrativas e de apoio ao Museu, e também de uma cafeteria aberta ao público. Nesta unidade será instalada toda a infraestrutura necessária ao funcionamento do Museu, incluindo a acessibilidade vertical que conectará a edificação histórica ao anexo, através de passarela metálica.

Os critérios para a restauração foram a manutenção do substrato histórico, a mínima intervenção, a compatibilidade de técnicas e materiais empregados, a legibilidade das intervenções e a reversibilidade dos materiais empregados, o que levou a escolha do projeto como estudo de caso.

A restauração foi dividida nas seguintes fases:

Identificação e Conhecimento do Bem Cultural – consistiu em pesquisas históricas e iconográficas, análise tipológica e identificação de materiais e sistemas construtivos, além dos levantamentos cadastral e fotográfico.

Diagnóstico – produção do mapa de danos e análise do estado de conservação do bem, com a realização de ensaios e testes.

Proposta de Intervenção – produção do memorial descritivo e de peças gráficas, além da elaboração de uma planilha orçamentária e de um cronograma físico financeiro.

O madeiramento do telhado foi restaurado, com o aproveitamento de peças originais e substituição das que estavam com danos irreversíveis. Foi necessária a execução de um barroteamento para a instalação de forros e também de pisos.

No pavimento térreo será realizada a restauração do assoalho com a inserção de piso em vidro temperado para evidenciar a antiga pavimentação em tijoleira da época da construção do prédio.

Na fachada, o arco em pedra passou por limpeza química, e juntamente com a porta de madeira configuram os poucos remanescentes do século XVIII no edifício. A alvenaria e os ornamentos devem passar por intervenções, com o tratamento de fissuras e recuperação do reboco. Foram elaborados moldes de silicone com os ornamentos resguardados, para que todas as fachadas pudessem ser recuperadas. Através de prospecções, descobriu-se que a cor que o edifício apresentava quando adquiriu feições ecléticas era o amarelo, portanto esta foi a cor adotada para a nova pintura.

Os corrimãos e as colunas da escada serão recuperados através de enxertos. As janelas em madeira serão recuperadas, com inserção ou remoção de peças, conforme a necessidade.

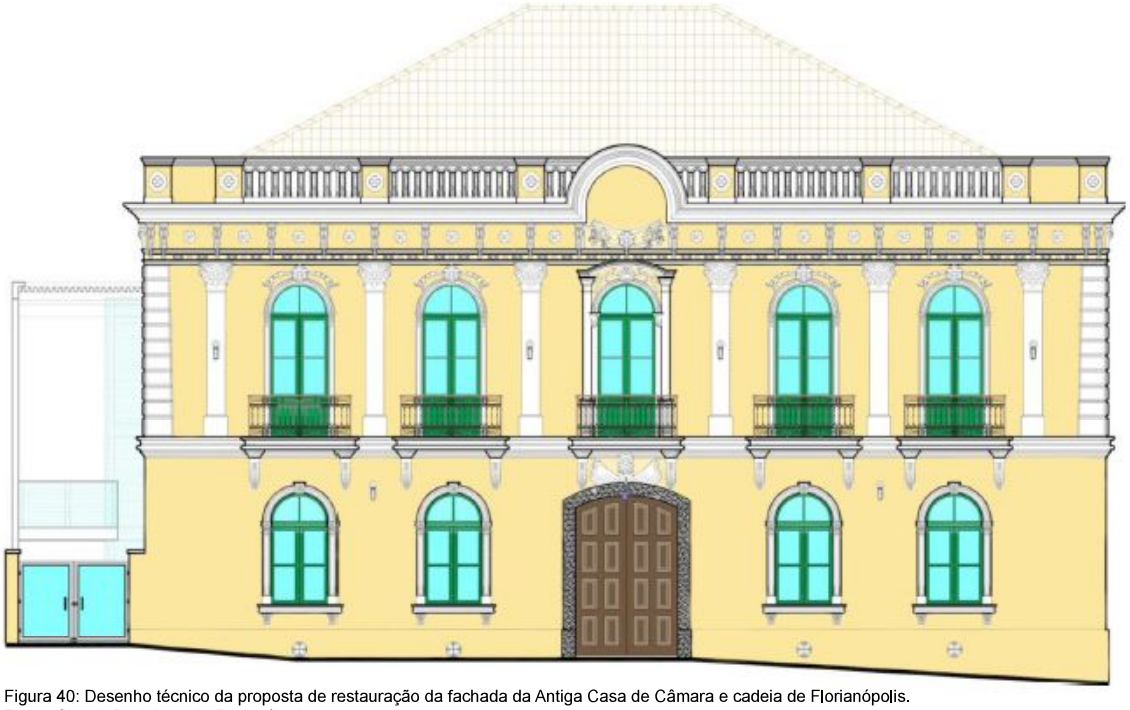


Figura 40: Desenho técnico da proposta de restauração da fachada da Antiga Casa de Câmara e cadeia de Florianópolis.
Fonte: Site da Prefeitura de Florianópolis



Figura 41: Antiga Casa de Câmara e Cadeia de Florianópolis sendo restaurada. Fonte: https://app1.ndonline.com.br/files/images/2017/03/cropped/2bbb1d887f32728465f816b60804f2447f3bbf45.jpg



Figura 42: Fachada da Casa Bonomi. Fonte: https://ourlifeinbh.files.wordpress.com/2014/05/20140511_101545.jpg

7.3. PANIFICADORA CASA BONOMI _ BELO HORIZONTE

Apesar da constante mudança no centro da capital mineira, o edifício eclético perdurou e se tornou um marco histórico para a cidade. Inicialmente uma residência familiar construída em 1925 na cidade de Belo Horizonte, a Casa Bonomi foi restaurada em 1996 e adaptada para abrigar uma panificadora. Apesar do primitivo uso residencial, através da classificação da quadra em que está inserida como Zona Central pela Lei de Uso do Solo de 1985, houve a potencialização de mudar seu uso para comercial.

Na época da intervenção, o edifício não possuía nenhum tipo de proteção patrimonial, estando listado apenas como "interesse de preservação no Inventário do Patrimônio Urbano e Cultural de Belo Horizonte". Após passar pela reforma/restauração, o prédio foi tombado em esfera municipal.

Assim como no caso do Sobrado Chiaramonte, o projeto para a transformação da antiga residência contou com diversas restrições, como o espaço limitado, o estado de degradação do prédio e a necessidade de adaptações elétricas e hidráulicas, por exemplo.

Segundo MELO (2016), pisos de madeira em avançado estado de decomposição, infiltrações e comprometimento do madeiramento do telhado, esquadrias não originais e vãos vedados em alvenaria, caracterizavam o estado da edificação.

A restauração previa a demolição de adições posteriores, a recomposição de características históricas originais e construção de novos elementos. Um anexo havia sido construído, concentrando o núcleo hidráulico da residência e permitindo acesso ao quintal, que se encontrava um nível abaixo da edificação. Este anexo, segundo o projeto de restauração, foi demolido e houve o acréscimo de mais um módulo de fachada, aumentando a área do térreo e incorporando o núcleo hidráulico já existente. O módulo de fachada acrescido buscou mimetizar a fachada original, reproduzindo seu ritmo, proporção e estilística.

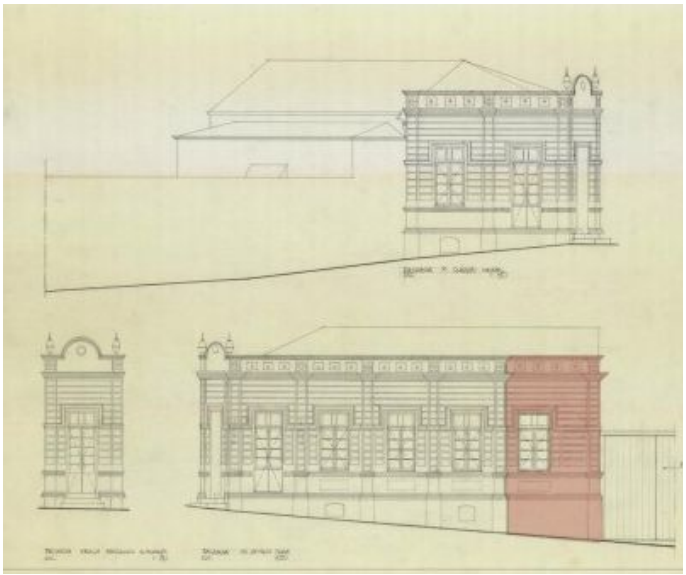


Figura 43: Projeto da fachada da Casa Bonomi restaurada. Em destaque, o trecho de fachada acrescido. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.196/6222



Figura 44: Interior da Casa Bonomi. Fonte: Figura 42: Fachada da Casa Bonomi. Fonte: https://ourlifeinbh.files.wordpress.com/2014/05/20140511_101545.jpg

O programa de necessidades da padaria foi distribuído em dois níveis, sendo o inferior ocupado pelos serviços, como cozinha, vestiários, área de serviço, almoxarifado, e área de preparo de pães. Originalmente edificado com compartimentação característica de residências, o térreo do edifício foi transformado em um grande salão sem divisões internas para receber o novo uso.

O superior foi destinado ao uso social, com balcões de atendimento, salão de expositores e mesas para refeições, além dos banheiros masculino e feminino.

Amplamente utilizada no projeto, a madeira é encontrada no piso, esquadrias e teto, empregada de diversas formas, sendo oriunda de demolições de outros imóveis. O mobiliário também foi feito com o emprego deste tipo de madeira, e a adoção deste material no projeto cria uma atmosfera intimista e faz referência aos armazéns do século XIX.

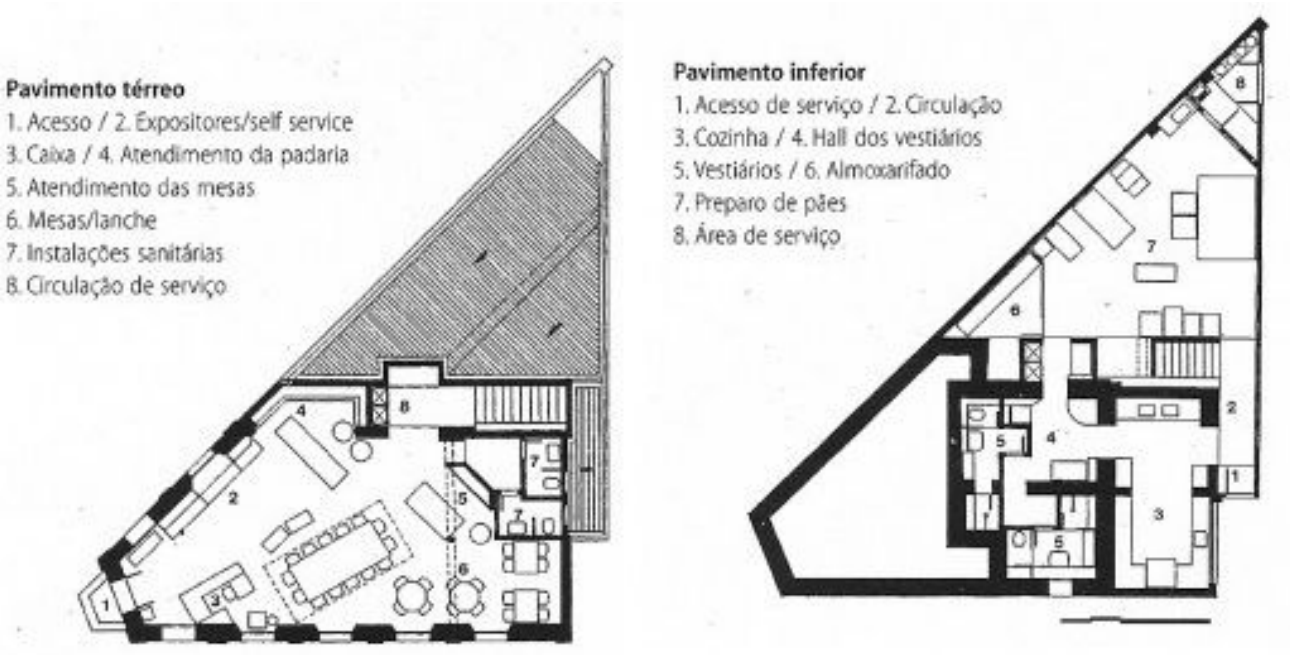


Figura 45: Plantas dos pavimentos térreo e superior da Panificadora Casa Bonomi. Fonte: Revista Projeto Design, jul. 1996, com divulgação em http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/29c900b4593a_bonomi_10.jpg


AEROPRESS
V60
CHEMEX
SYPHON
COLD BREW
CEAI ALB SPIRULINĂ
CEAI VERDE CITRONELLA
CEAI VERDE JAPANSK SENCHA
CEAI OOLONG
CEAI NEGRU MORS LILLA
CEAI NEGRU IRISH BREAKFAST
INFUZIE MUSETEL
INFUZIE HERBAL
ESPRESSO
LONG BLACK
CAPPUCCINO
FLAT WHITE
LATTE

7.4. ORIGO COFFEE BAR_BUCARESTE

O Origo Coffee Bar, localizado na cidade de Bucareste, na Romênia, foi projetado pelos arquitetos Dan Enache, Calin Radu e Radu Nenita, do escritório LAMA, no ano de 2013. A escolha do projeto como estudo de caso foi norteada pelo uso que o local recebe - o mesmo a ser proposto neste trabalho - e por seu layout com excelente aproveitamento de pequenas áreas, já que o estabelecimento conta com apenas 65m².

Funcionando como cafeteria durante o dia e como bar à noite, o Origo apresenta uma grande bancada para o preparo de bebidas, que atende à necessidade dos dois usos. Para auxiliar no preparo de alimentos e dos coquetéis oferecidos pelo bar, uma pequena cozinha com acesso à bancada complementa o projeto do café-bar.



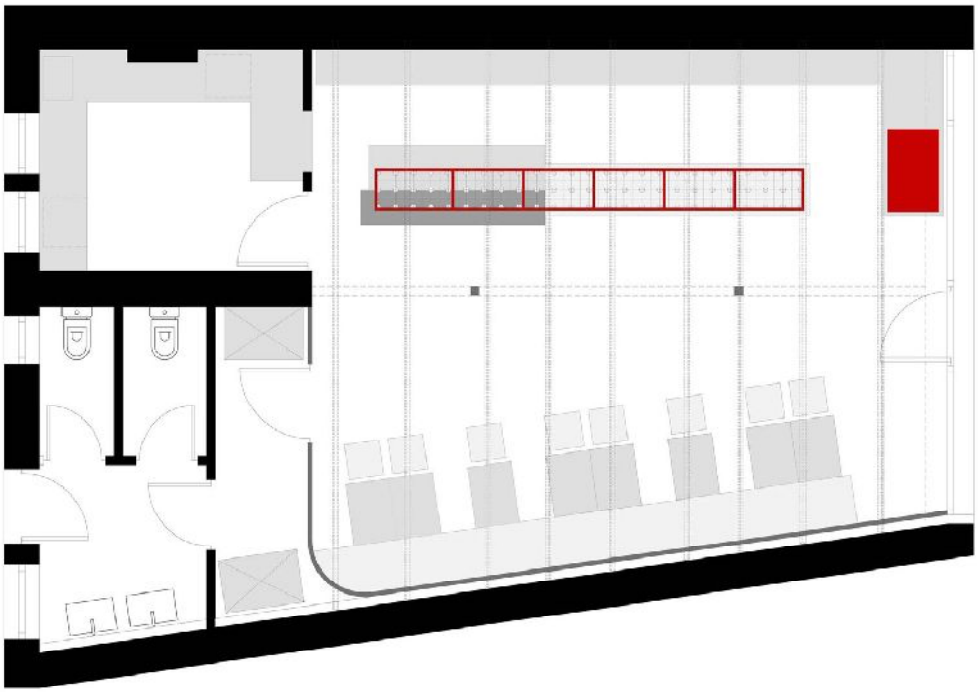
Figura 46 (à esquerda): Interior do Origo Coffee Bar. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518acb33b3fc4bd91700003d-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-photo
Figura 47: Interior do Origo Coffee Bar, com destaque para o mobiliário. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518acb01b3fc4bd91700003c-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-photo

Considerando a limitação de espaço, as mesas foram desenhadas especialmente para o projeto, permitindo um melhor aproveitamento do salão. Alguns bancos também estão dispostos no balcão de bebidas, mas o centro do salão se encontra livre para a permanência do público e para o acesso aos sanitários.

A decoração é um dos pontos fortes do projeto, que segundo os arquitetos, tinha o objetivo de "criar um ambiente despojado com materiais e cores naturais, mas que também possua uma certa tensão contrastante (a cor cinza escuro com madeira clara, ou madeira versus metal)" (LAMA, 2013). As antigas vigas de madeira, descobertas após desmontarem o telhado, foram pintadas de branco e se mantiveram aparentes, dando suporte à estrutura que mantém 276 xícaras suspensas sobre o balcão.



Figura 48: Interior do Origo Coffee Bar. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518acb33b3fc4bd91700003d-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-photo



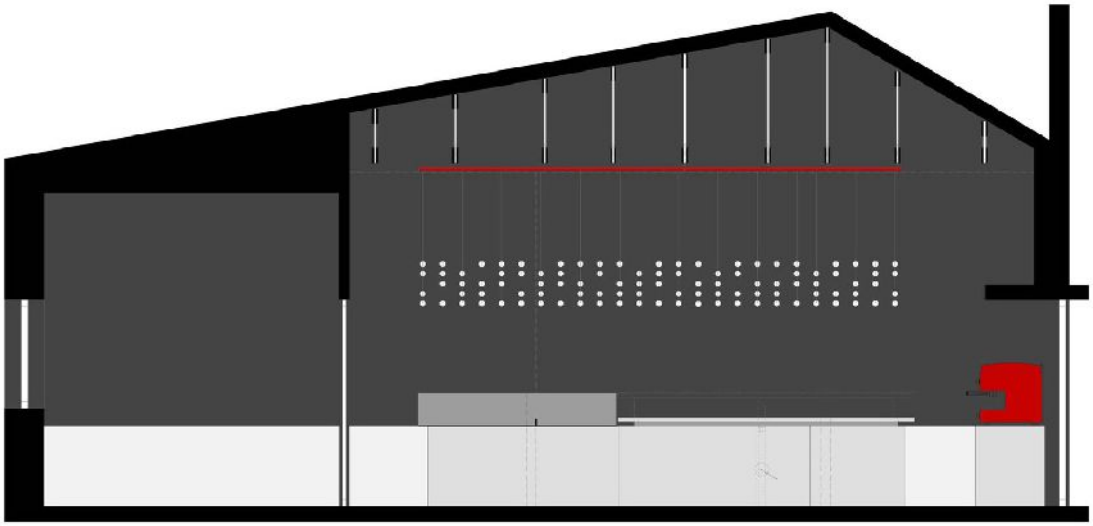


Figura 49: Planta do Origo Coffee Bar. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518aca99b3fc4b693a-00003c-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-plan
Figura 50: Corte do Origo Coffee Bar. Fonte: https://www.archdaily.com/370493/origo-coffee-shop-lama-arhitectura/518aca91b3fc4b693a-00003b-origo-coffee-shop-lama-arhitectura-section


KAISER
KAISER

7.5. BAR MANDÍBULA_SÃO PAULO

Projetado em 2013 pelas arquitetas Isabel Nassif e Renata Pedrosa, do escritório Sub Estúdio, o Bar Mandíbula se encontra na Galeria Metrópole, no centro de São Paulo. O local, que antes abrigava um escritório no prédio histórico da Galeria, passou por algumas demolições para que se transformasse em um bar, café e loja de vinis.

Sua distribuição é simples: uma bancada de atendimento e preparo dos produtos, um salão dividido entre os vinis e a permanência do público e um sanitário ao fundo. Provido de pouco espaço, ganhou um mezanino em estrutura metálica atirantada nas vigas de concreto já existentes para receber o estoque dos produtos. Desta forma, o térreo ficou livre para o café-bar e a exposição dos discos.

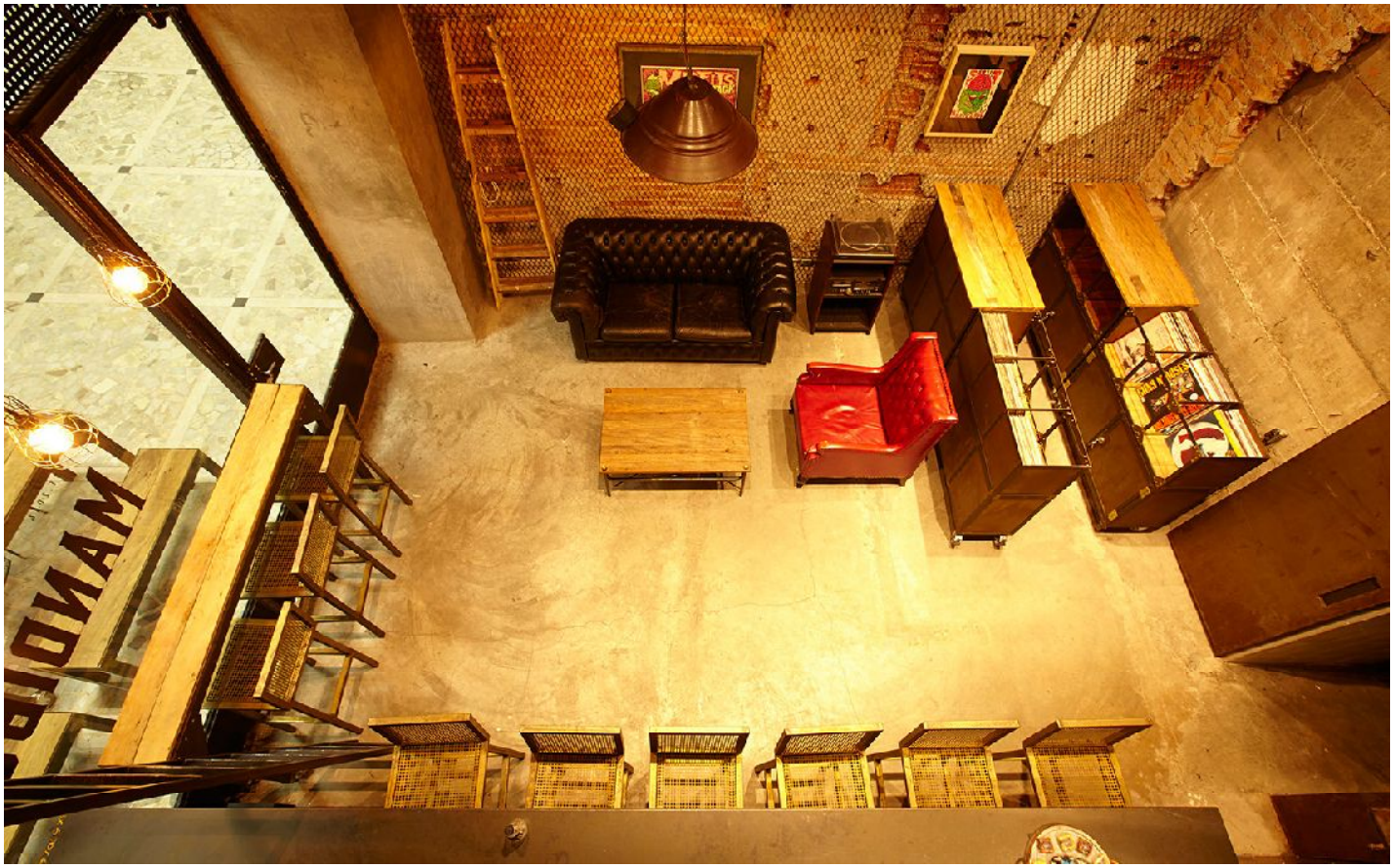


Figura 51 (à esquerda): Interior do Bar Mandíbula. Fonte: http://payload285.cargocollective.com/1/4/157764/8014053/MAN_08_1350.jpg
Figura 52: Interior do Bar Mandíbula. Fonte: http://payload285.cargocollective.com/1/4/157764/8014053/MAN_12_1390.jpg

O Bar Mandíbula foi escolhido como estudo de caso por sua proximidade com a realidade do que será proposto: um café-bar no estado de São Paulo, em que o projeto teve que se adequar ao prédio. Desta forma, apesar de possuir um programa de necessidades mais simples do que o que será proposto neste trabalho, contribuiu significativamente para a distribuição do mesmo e para o entendimento dos espaços, além de motivar a inserção de um comércio complementar no local.

O projeto também apresenta soluções interessantes para o interior, com mobiliário que incentiva a interação coletiva e a ambiência rústica gerada pelas paredes, em que as arquitetas buscaram evidenciar "os materiais estruturais do edifício existente (concreto, tijolo comum e tijolo baiano) combinando-os com as estruturas e acabamentos em aço" (NASSIF; PEDROSA, 2014). O layout pode ser facilmente transformado, e mesmo com pouco espaço, o local chega a receber apresentações musicais, ponto relevante em bares paulistas.



Figura 53: Planta e corte do Bar Mandíbula. Fonte: http://payload285.cargocollective.com/1/4/157764/8014053/AP01_2013_12_09_01-01_1271.jpg
Figura 54 (à direita): Fachada do Bar Mandíbula. Fonte: http://payload285.cargocollective.com/1/4/157764/8014053/MAN_02_1157.jpg


MANDIBULA

8.
O SOBRADO CHIARAMONTE



Figura 55: Fachada do Sobrado Chiaramonte antes da remoção das esquadrias do pavimento superior. Fonte: Omar Nagib

8.1. História do Edifício

O Sobrado Chiaramonte, também conhecido como Sobrado do Largo da Matriz, foi construído no ano de 1907 pelo comerciante italiano José Chiaramonte. Na primitiva divisão judicial da Fazenda Lagoa, que contava com 37 condôminos, José Chiaramonte era o dono da maior área de terras, contando com 255,7 hectares. O comerciante italiano, que possuía uma fábrica de sabão no centro de Santa Rosa de Viterbo, fez parte da primeira comissão para a construção da Igreja Matriz, e em 29 de julho de 1906, recebeu em doação uma data de terreno do patrimônio da igreja. Neste terreno, no ano seguinte, foi erguido o Sobrado do Largo da Matriz.

Inicialmente projetado para receber uso comercial, ao longo de seus 110 anos recebeu outros usos, sediando estabelecimentos institucionais, bares e até residências em seu pavimento superior, configurando o uso misto. Com as demolições das antigas residências e da primeira capela, hoje o Sobrado é o prédio mais antigo da cidade, concluído antes mesmo da Matriz, que foi finalizada três anos depois.

De acordo com ANTUNES (2000), entre os anos de 1912 e 1917 o Sobrado Chiaramonte foi alugado aos vereadores para a instalação da Câmara Municipal da cidade, que até então, se chamava Ibiquara. Houve a pretensão por parte dos vereadores de comprar o prédio, mas devido ao preço exorbitante, optaram por construir uma nova sede, localizada na atual Rua Coronel Garcia.

Provisoriamente emprestado ao Grupo Escolar da cidade entre os anos de 1917 e 1937, o Sobrado atraía crianças de colônias da Fazenda Amália e de regiões próximas para estudar em Santa Rosa, tendo o acesso possibilitado pelas estradas de ferro. Após essa data, o prédio próprio foi finalizado e o Grupo Escolar se instalou onde atualmente funciona a E. E. P. G. Teófilo Siqueira.



Figura 56: O Sobrado Chiaramonte, em registro da época em que abrigava o primeiro Grupo Escolar de Santa Rosa de Viterbo. Fonte: Romeu Antunes



Figura 57: Alunos e professores do Grupo Escolar em frente ao Sobrado Chiaramonte no ano de 1929. Fonte: Jornal comemorativo do centenário da E.E.P.G. Teófilo Siqueira.



Figura 58: Foto do interior do Sobrado Chiaramonte, quando abrigava o Bar Serrani-Meloni. Fonte: Alberto Meloni

Com base nas escrituras do edifício e em informações de moradores, os usos que o edifício recebeu após a transferência do Grupo Escolar foram:

1949 - 1953: Bar Central + residência (7 pessoas)
Proprietário: Elias Manoel de Barros
1953 - 1958: Bar Central
Proprietários: Zica Pegoraro e Nadir Pegoraro
1958 - 1970: Bar Serrani - Meloni. Bar e restaurante + residência (25 pessoas)
Proprietários: Antônio Serrani e Alberto Meloni
1978: Rosa Lar - Eletrodomésticos
Proprietários: Laureano Romero e Marlene de Almeida Romero
Cachaçaria Empório Brasil
Proprietários: Wendel, Tiago Pereira e Diego Pereira
2005 - 2007: Cervejaria Autêntica
Proprietário: Gustavo Monteiro
2007 - 2009: Cervejaria Autêntica
Proprietário: Éder Carlos Souza

A Cervejaria Autêntica, último uso que o Sobrado Chiaramonte recebeu, encerrou seu funcionamento no ano de 2009, e o prédio está desocupado desde então.

Após a remoção das esquadrias do pavimento superior, o edifício foi envelopado com telas neste ano, 2017, para evitar a queda dos revestimentos externos, visando proteger a população, e também impedir a entrada de animais.



Figura 59: Sobrado Chiaramonte, antes da retirada de suas esquadrias do pavimento superior. Fonte: Omar Nagib



Figura 60: Sobrado Chiaramonte, após a retirada de suas esquadrias do pavimento superior. Fonte: Mayara Silva

8.2. Descrição e Análise Formal

Localizado na esquina entre as ruas Nove de Julho e Coronel Garcia, o prédio de dois pavimentos possui as fachadas sul e oeste alinhadas às testadas frontal e lateral do lote. Representante da arquitetura eclética, conta com expressiva monumentalidade, especialmente para a época de sua construção. A platibanda ricamente ornamentada e a utilização do ferro para compor a sacada também remetem ao ecletismo.

Suas fachadas apresentam leve regularidade e simetria, sendo esta interrompida com a ausência de uma porta no pavimento térreo. Esta quebra no ritmo das fachadas provavelmente se deve à retirada de uma porta no local, logo nos primeiros anos de funcionamento do Sobrado Chiaramonte. São necessárias prospecções para investigar se isso realmente ocorreu, já que não há documentação que comprove o fato.



Figura 61: Fachada sul do Sobrado Chiaramonte, com indicação dos eixos de simetria. Elaboração: Mayara Silva

As fachadas sul e oeste também contam com características de influência neoclássica, como as portas com bandeiras e vergas em arco pleno no pavimento térreo. Já no pavimento superior, as janelas possuem 4 folhas, duas cegas em madeira e um postigo que possivelmente rcebia fechamentos em vidro, e vergas retas encimadas por ornamentos florais.

Constituído de apenas um volume, após diversas modificações para adequação aos usos recebidos, o edifício perdeu as primitivas divisões. Anteriormente contando com onze cômodos no térreo, passou a ter dois salões e um corredor com circulação e sanitários neste pavimento; o pavimento superior contava com seis cômodos, com divisões em tabique e alvenaria, mas todo o seu piso foi removido, restando apenas a separação por paredes em quatro cômodos. Através de observações no local é possível perceber que as divisórias remanescentes em alvenaria estão locadas sobre barrotes duplos, o que leva a crer que existia mais uma repartição.

Uma escada totalmente em madeira, provavelmente em L, localizada no centro da planta fazia a ligação entre os dois pavimentos. Nos últimos anos de funcionamento do Sobrado, parte dos degraus foram retirados, iniciando a escada em um patamar a 1,00m de altura e finalizando a 3,90m, altura do segundo pavimento. Não há registros sobre a continuidade da escada, restando apenas um lance. O espaço abaixo dos degraus era utilizado para guardar bebidas e utensílios da Cervejaria Autêntica entre os anos de 2005 e 2009.



Figura 62: Divisória em alvenaria sobre barrote duplo. Fonte: Mayara Silva



Figura 63: Escada do Sobrado Chiaramonte, encerrando no patamar. Fonte: Mayara Silva. Arquivo Pessoal.

De acordo com a documentação fotográfica encontrada, enquanto funcionava como Grupo Escolar, o prédio contava com apenas um acesso em sua composição, voltado para a atual rua Nove de Julho, como pode ser visto na figura 56. No entanto, quatro de suas janelas no pavimento térreo foram convertidas em portas posteriormente (acredita-se que em função dos usos comerciais), fato que provavelmente foi facilitado pela estruturação em madeira das esquadrias, com vãos preenchidos apenas por tijolos.

Através de um desenho feito por Antônio Lerco[5] na década de 1980 e de relatos de Wilson Serrani[6], foi possível identificar que também existia uma escada externa com acesso pela Rua Coronel Garcia, que presumivelmente fazia a circulação independente para a área residencial, localizada no segundo pavimento. Marcas na fachada confirmam a existência da escada, como os recortes na alvenaria que indicavam uma porta e uma janela que foram vedados em época indeterminada.

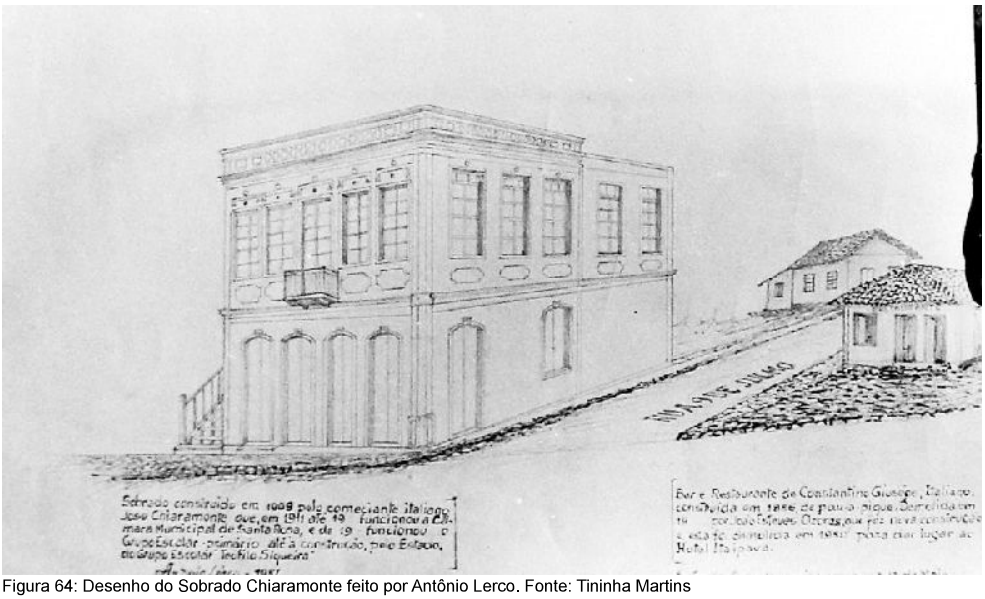


Figura 64: Desenho do Sobrado Chiaramonte feito por Antônio Lerco. Fonte: Tininha Martins

5 Antônio Lerco foi funcionário público do município, ingressando na prefeitura como contador em 1937 e permanecendo no cargo até sua aposentadoria. São de sua autoria diversos desenhos que registram o desenvolvimento de Santa Rosa de Viterbo.

6 Wilson Serrani foi morador e proprietário de um bar no Sobrado Chiaramonte, entre os anos de 1958 e 1970.



Figura 65: Lateral do Sobrado Chiaramonte, com manchas que evidenciam a existência da escada externa. Fonte: Mayara Silva



Figura 66: Lateral do Sobrado Chiaramonte, com manchas que evidenciam a existência da escada externa, em detalhe. Fonte: Mayara Silva

8.3. Inserção Urbana e Entorno

Antes mesmo de se consolidar como cidade, Santa Rosa de Viterbo já contava com construções onde atualmente é o centro do município. Tratava-se de residências dispersas dos condôminos da Fazenda Lagoa, constituindo o primitivo povoado santarosense.

Foi após a edificação da capela em louvor - teoricamente - à Nossa Senhora Aparecida, como já mencionado anteriormente, que a configuração da malha urbana foi adquirindo forma. Com base em escrituras registradas no cartório de São Simão, soube-se que no ano de 1895 foram feitas cinco doações de terra ao patrimônio de Santa Rosa de Viterbo para a construção de uma igreja maior para abrigar a paróquia local, já que a capela não mais comportava a quantidade de fiéis. Em 1910 foi inaugurada a igreja Matriz da cidade, em substituição à capelinha e localizada à frente desta, que só foi demolida após a finalização da cobertura da nova construção.

A atual avenida Rio Branco, localizada no entorno do Sobrado Chiaramonte, era a via de maior ocupação até 1930, o que torna a localização do bem privilegiada desde sua criação.



Figura 67: Foto da Praça Guido Maestrello, com o Sobrado Chiaramonte se destacando ao fundo. Fonte: http://blogdojuvenil4.blogspot.com.br



Figura 68: Foto da Praça Guido Maestrello, com o Sobrado Chiaramonte ao fundo, atrás do antigo coreto. Fonte: http://blogdojuvenil4.blogspot.com.br

Outras edificações históricas fazem parte do entorno, como a antiga cadeia municipal, que foi restaurada e agora abriga o Conselho Tutelar, e o prédio que sediou o Cine Santa Rosa, que nos dias de hoje se encontra em desuso. Também está inserido nos arredores a Escola Estadual de Primeiro Grau Teófilo Siqueira, cujo prédio foi construído em 1937 para receber o Grupo Escolar, antes sediado no Sobrado Chiaramonte, e a atual Câmara Municipal, outro exemplar da arquitetura eclética em Santa Rosa.

O Grêmio Recreativo de Santa Rosa de Viterbo, também localizado nas adjacências do Sobrado Chiaramonte, foi um clube que recebeu grandes eventos na cidade, como festas, shows e formaturas. A falta de um isolamento acústico adequado para comportar esses eventos fez com que o clube fosse processado pelos moradores, por conta de perturbação de sossego. Por se tratar de diversas denúncias e processos, o Grêmio Recreativo encerrou seu funcionamento no ano de 2015.

Apesar da predominância de residências, o uso do entorno é bem diversificado atualmente, sendo contemplado por variados tipos de comércio e serviços. Configura também um importante ponto social para o município, devido à vivência gerada pelas praças Guido Maestrello -onde se localiza a Matriz, e a praça Santo Antônio, que, além da paróquia, também abriga as quermesses no mês de junho.



Figura 69: Foto tirada do topo da igreja Matriz, com o Sobrado Chiaramonte à direita, na esquina.
Fonte: http://blogdojuvenil4.blogspot.com.br



Figura 70: Antigo Cine Santa Rosa. Atualmente em desuso. Fonte: Mayara Silva



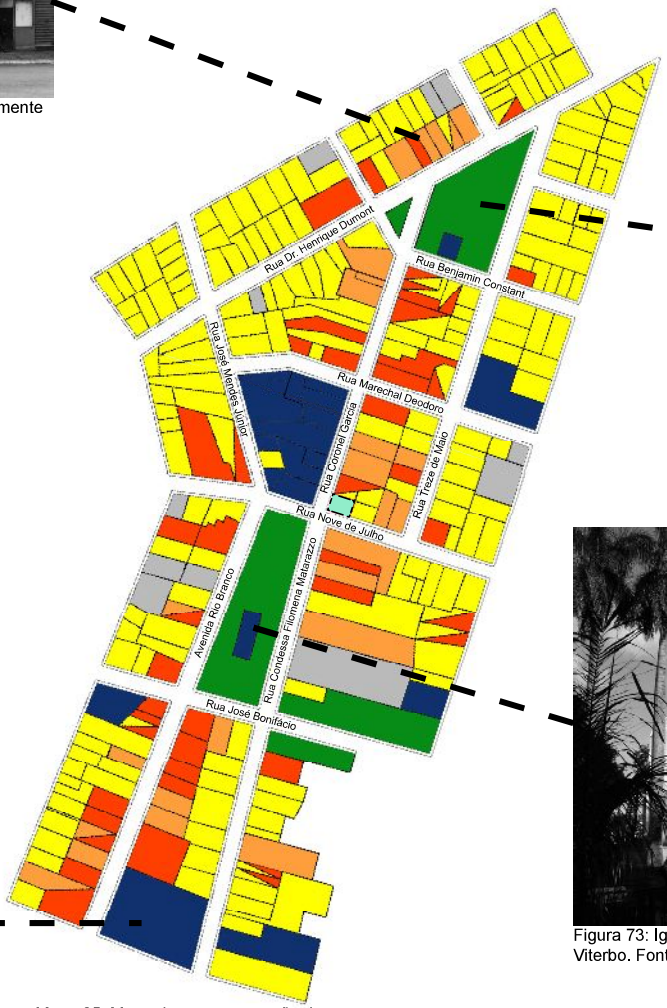
Figura 71: E.E.P.G. Teófilo Siqueira. Fonte: Mayara Silva



Figura 72: Igreja de Santo Antônio. Fonte: Mayara Silva



Figura 73: Igreja Matriz de Santa Rosa de Viterbo. Fonte: Mayara Silva



Mapa 05: Mapa de uso e ocupação do entorno do Sobrado Chiaramonte. Elaboração: Mayara Silva. Junho/2017

8.3.1. Mapa de Uso e Ocupação do Entorno

8.3.2. Mapa de Gabarito do Entorno





LEGENDA

- 1 pavimento
- 2 pavimentos
- 3 pavimentos
- Lotes vazios
- Praças
- Sobrado Chiaramonte (2 pavimentos)

Mapa 05: Mapa de gabarito do entorno do Sobrado Chiaramonte.
Elaboração: Mayara Silva. Junho/2017



Figura 74: Foto aérea do centro de Santa Rosa, com o Sobrado Chiaramonte na esquina.
Fonte: Ivan Mairauê

8.4. Declaração De Significância

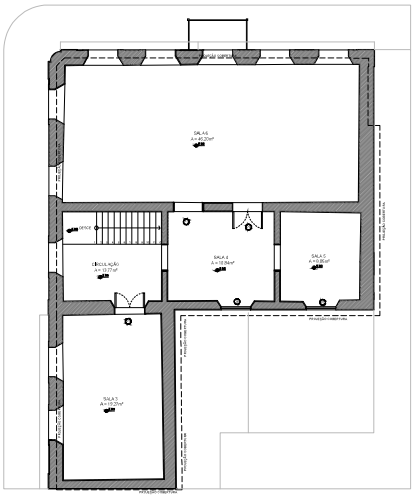
O Sobrado Chiaramonte, ou Sobrado do Largo da Matriz, é um imponente edifício na paisagem urbana do centro de Santa Rosa de Viterbo, no interior do estado de São Paulo. Sua imponência se deve à marcante ornamentação de suas fachadas, conformadas pelo estilo eclético, que se sobressaem mesmo em comparação com os outros edifícios da época encontrados na cidade. Sua volumetria e a configuração de suas fachadas se destacam pela singularidade, carregando técnicas e soluções construtivas características da época de fundação do município. Edificado com estrutura autoportante de tijolos maciços, apresenta boa resistência ao tempo, assim como a ornamentação, presente especialmente em sua platibanda. O edifício é localizado na esquina entre as ruas Nove de Julho e Coronel Garcia, que estão entre as mais movimentadas e dinâmicas da vida urbana de Santa Rosa de Viterbo e mais importantes no seu processo de formação urbana.

Além da pertinência arquitetônica, o Sobrado Chiaramonte também possui grande relevância histórica, tendo abrigado a primeira Câmara Municipal e o primeiro Grupo Escolar, que atraía crianças da região para estudar no município. É também, atualmente, o edifício mais antigo da cidade, e, ao longo do tempo, sua presença sempre foi referência para a população, e ponto de encontro de distintos grupos sociais que o frequentavam. Apesar do desuso, ainda preserva com bastante integridade características originais passíveis de preservação.

Esses aspectos tornam o Sobrado do Largo da Matriz um testemunho primordial da história e evolução de Santa Rosa de Viterbo, configurando o edifício como merecedor do ato de preservação, para que seu conhecimento e posse sejam transmitidos às futuras gerações.

8. 5. Documentação Fotográfica

01

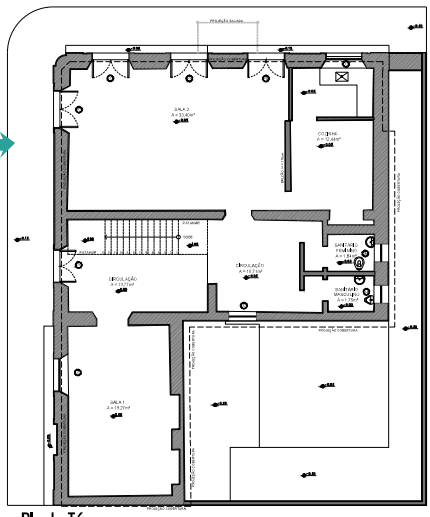


Planta Pavimento Superior



Foto 01. Data: 07/07/2017

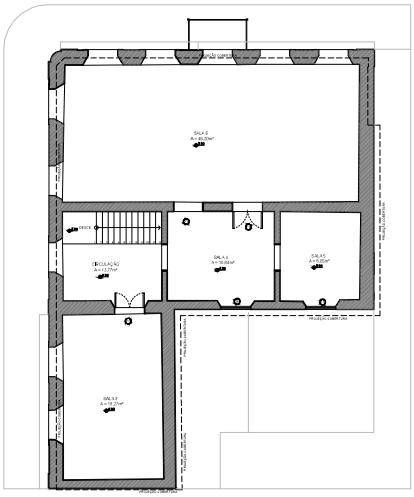
02



Planta Térreo



Foto 02 Data: 07/07/2017

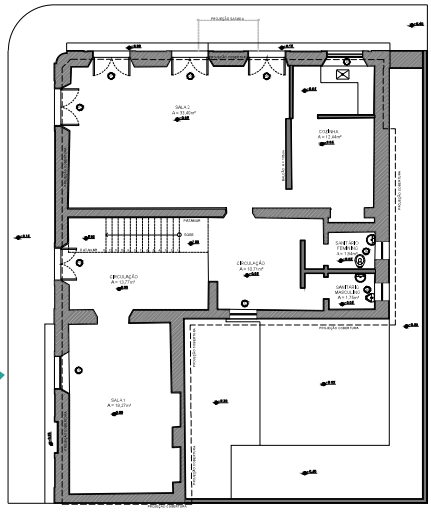


03

Planta Pavimento Superior



Foto 03. Data: 07/07/2017



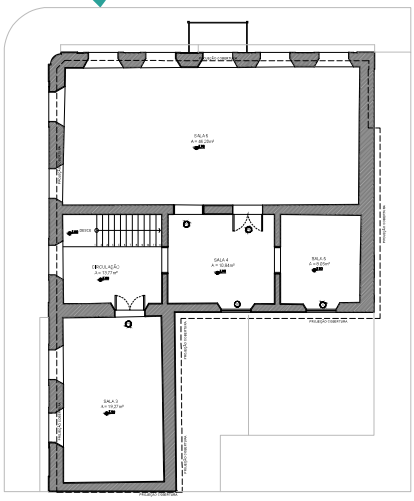
04

Planta Térreo



Foto 04. Data: 07/07/2017

05

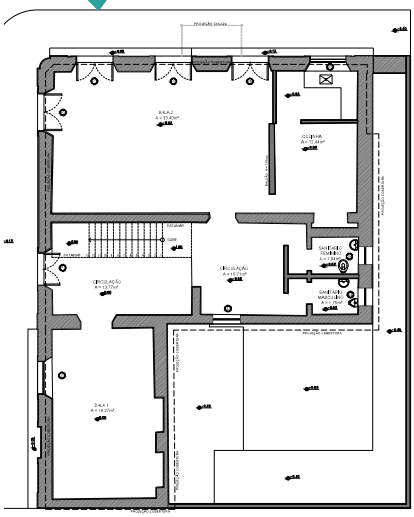


Planta Pavimento Superior



Foto 05. Data: 07/07/2017

06

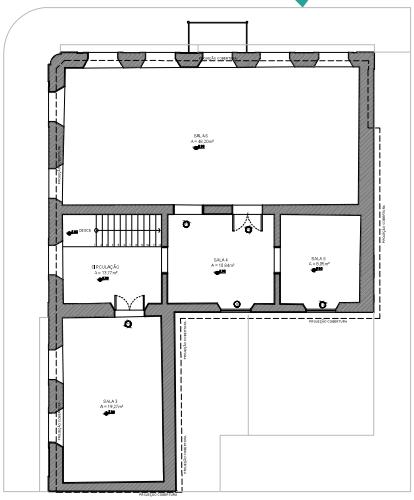


Planta Térreo



Foto 06. Data: 07/07/2017

07

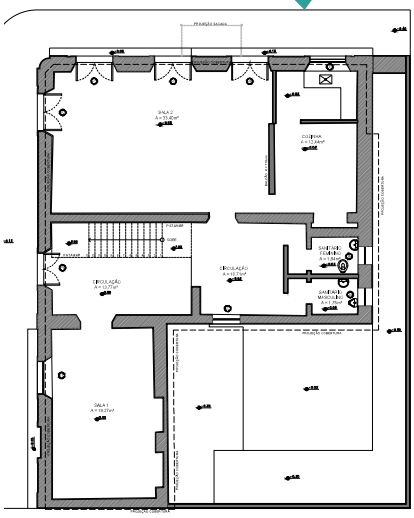


Planta Pavimento Superior



Foto 07. Data: 07/07/2017

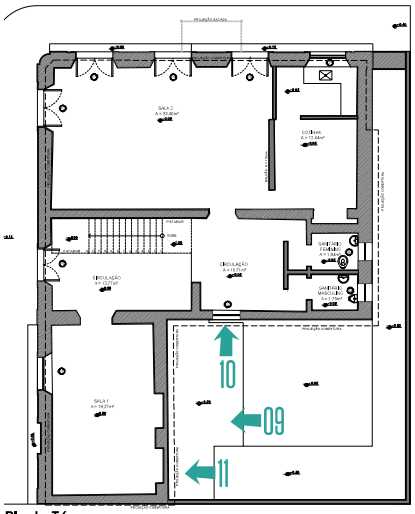
08



Planta Térreo



Foto 08. Data: 07/07/2017

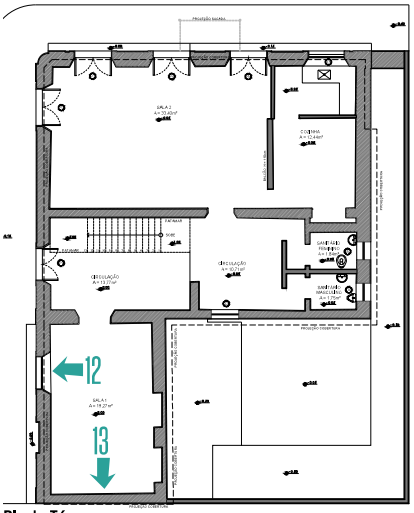


Planta Térreo


Foto 09. Data: 07/07/2017


Foto 10. Data: 07/07/2017

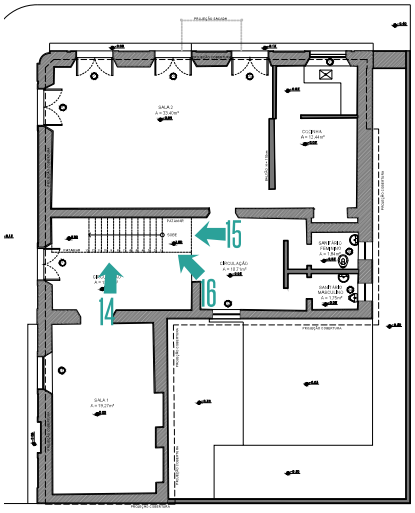

Foto 11. Data: 07/07/2017



Planta Térreo


Foto 12. Data: 12/06/2017


Foto 13. Data: 12/06/2017



Planta Térreo



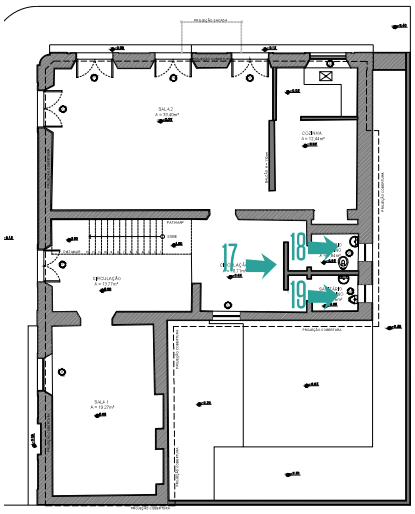
Foto 14. Data: 12/06/2017



Foto 15. Data: 12/06/2017



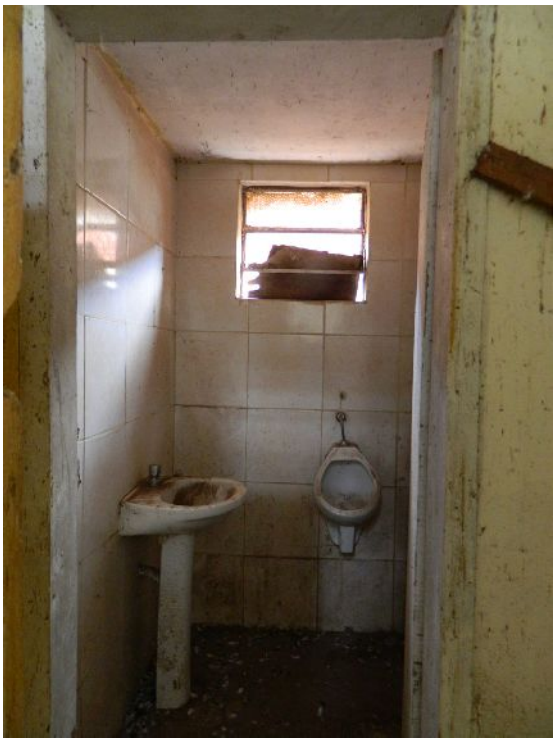
Foto 16. Data: 12/06/2017

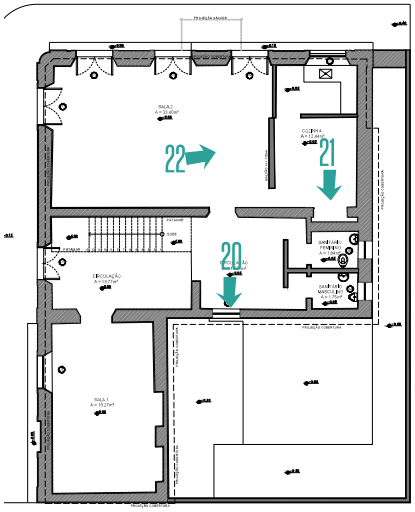


Planta Térreo


Foto 17. Data: 12/06/2017


Foto 18. Data: 12/06/2017


Foto 19. Data: 12/06/2017

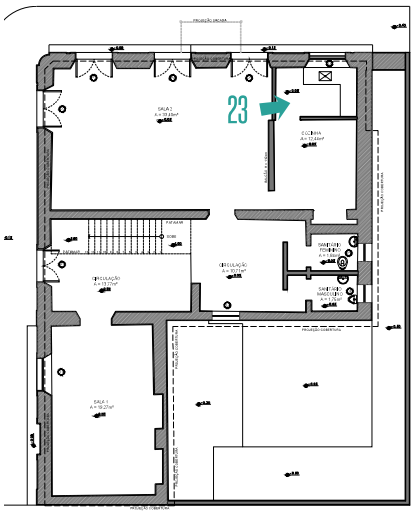


Planta Térreo


Foto 20. Data: 12/06/2017


Foto 21. Data: 12/06/2017

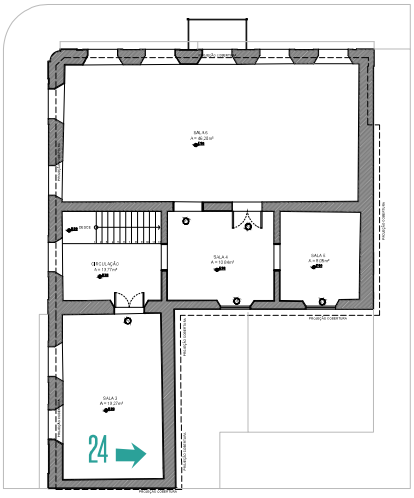

Foto 22. Data: 12/06/2017



Planta Térreo



Foto 23. Data: 12/06/2017



Planta Pavimento Superior



Foto 24. Data: 12/06/2017

8. 6. Análise da Condição Física Atual



Figura 75: Detalhe da fachada sul do Sobrado Chiaramonte. Fonte: Mayara Silva

SISTEMA ESTRUTURAL

Sua estrutura - autônoma de tijolos de barro cozido - se mantém estável, mesmo após 110 anos à mercê de intempéries. Apresenta apenas fissuras superficiais e poucas trincas; os panos de alvenaria se encontram aprumados e sem indícios de comprometimento. Como particularidade, observa-se a presença de cabeças de barrotes de madeira na elevação norte, que se sobressaem em relação aos panos de alvenarias, apresentando degradação por umidade e fungos apodrecedores nas extremidades expostas às intempéries.



Foto 25. Data: 07/07/2017

REVESTIMENTO DAS FACHADAS

O térreo, que foi o único pavimento reformado e utilizado em seus últimos anos de funcionamento, apresenta apenas bastante sujidade e fissuras superficiais. A pintura se encontra levemente desgastada, com poucos pontos em que houve o descolamento do reboco.

No pavimento superior, as paredes perderam a pintura e apresentam fissuras, mostrando-se também bastante afetadas pela umidade, com a presença de microflora. Nota-se também a presença de manchas de umidade nas descidas de água pluvial.



Foto 26. Data: 12/06/2017

REVESTIMENTO DAS ALVENARIAS INTERNAS

Em ambos os pavimentos, com situação mais agravada no superior, os revestimentos das alvenarias internas estão em péssimo estado. Apresentam descascamento de tinta em diversos locais e grandes descolamentos de revestimento em pontos isolados, expondo sua estrutura de tijolos. Além da intensa sujidade, revelam fissura e pontos de maior umidade, com manchas de bolor.



Foto 27. Data: 12/06/2017

COBERTURA

A cobertura do Sobrado Chiaramonte pode ser dividida em duas partes, sendo a maior delas com quatro águas e a outra com duas águas. Sua estrutura, em madeira, apresenta-se bastante danificada, especialmente os caibros e ripas, comprometidos pelo ataque de cupins. Suas telhas, possivelmente originais, se encontram sujas, mas ausentes em poucos locais. Não foi possível, até o momento, realizar uma avaliação mais profunda sobre o sistema de captação e escoamento de águas pluviais, mas identifica-se a descida de condutores em dois pontos externos à alvenaria, com presença de umidade e micro flora nas suas proximidades.



Foto 28. Data: 12/06/2017

ESQUADRIAS

As portas externas e janelas do pavimento térreo foram instaladas provavelmente na década de 1940, e se encontram em boas condições de conservação. As portas, todas em madeira, apresentam apenas pequenas fissuras superficiais e a perda de vidros em suas bandeiras, assim como a janela da fachada sul, que apresenta a mesma solução das portas.

No pavimento superior, restam apenas três portas internas e duas janelas, localizadas na fachada leste, que faziam parte do projeto original. Em melhores condições de preservação, as portas apresentam apenas vidros quebrados e sujidade. Já as duas janelas, ambas em madeira, se apresentam danificadas e sujas, também com fissuras, e se encontram lacradas internamente com ripas.

As esquadrias externas foram retiradas recentemente, devido à sua degradação e ao iminente risco de desabamento das mesmas. Estas, assim como a porta da sacada, eram feitas de madeira, com folha de madeira cega e esquadria de madeira e vidro. A sobreverga ornamentada com uma flor em relevo caracteriza a arquitetura eclética, assim como os adornos nas sobrevergas do pavimento térreo.

A sacada, elaborada com ferro - característico da arquitetura da época -, se encontra bastante oxidada, embora sem risco aparente de desabamento.



Foto 29. Data: 07/07/2017



Foto 30. Data: 12/06/2017

PISO:

Embora não haja informações a respeito dos pisos originais do Sobrado Chiaramonte, o atual piso do pavimento térreo, presumivelmente, não é o original. Apresenta lajotas cerâmicas de cor vermelha em dois tamanhos, 20x20cm e 32x32cm. A elevada sujidade evidencia a presença de animais no interior do prédio, e as lajotas se mostram bastante danificadas, quebradas e faltosas. Porém encontra-se nivelado, sem trincas ou rachaduras.

A pavimentação do piso superior foi completamente retirada após o prédio entrar em desuso, restando apenas os barrotes de madeira. Devido à sua fragilização, nos últimos anos de funcionamento o segundo pavimento era utilizado apenas para guardar cabos e objetos leves. Os barrotes de madeira se encontram, em sua maioria, bem conservados. Apenas algumas peças apresentam danificação por ataque de cupins ou causada por umidade, e nota-se a presença de peças de madeira para reforçar alguns dos barrotes.

O piso da escada, em madeira, se encontra bem conservado, apenas apresentando bastante sujidade.

Na área externa, o nível mais elevado apresenta pavimentação com o mesmo tipo de piso cerâmico da área interna, com 32x32cm. Os demais níveis apresentam apenas piso de cimento sarrafeado.



Foto 31. Data: 12/06/2017



Foto 32. Data: 12/06/2017



Foto 33. Data: 12/06/2017

8. 6. 1. Mapa de Danos

Para a elaboração de um projeto de restauração para um edifício de valor cultural, é necessário que se investigue todas as danificações que ele apresenta, assim como suas causas, para que a melhor solução seja proposta para a recuperação do bem.

Como nos ensina TINOCO (2009), um mapa de danos pode ser definido como uma

> representação gráfico-fotográfica onde são ilustradas e discriminadas, rigorosa e minunciosamente, todas as manifestações de deteriorações da edificação. O mapa de danos é um documento gráfico-fotográfico que sintetiza o resultado das investigações sobre as alterações estruturais e funcionais nos materiais, nas técnicas, nos sistemas e nos componentes construtivos.

No presente trabalho foram produzidos os mapas de danos para todas as fachadas do Sobrado Chiaramonte, visando o melhor entendimento das causas de degradação no edifício e sugerindo intervenções para cada dano apresentado pelo edifício.

(MAPA DE DANOS DAS FACHADAS NORTE, SUL, LESTE E OESTE DO SOBRADO CHIARAMONTE: VER PRANCHAS)

8.7. Ações de Restauro

ALVENARIAS E VEDAÇÕES

A restauração das fachadas prevê a reconstrução dos ornamentos que foram danificados, usando como molde os que se encontram íntegros. Especialmente na platibanda, o edifício apresenta danos em sua parte superior causados por umidade, como manchas e presença de microflora. Essas danificações se devem, provavelmente, a infiltrações na cobertura ou vazamentos na descida de água pluvial, mas seriam necessárias investigações mais aprofundadas por profissionais especializados para confirmar sua origem e indicar a melhor forma para solucioná-las.

Presente nas fachadas sul e oeste, a microflora deve ser removida e a causa da umidade do local prospectada (provavelmente se relaciona à presença da tubulação da descida de água pluvial) e tratada, com aplicação de impermeabilizantes para evitar a recorrência do dano. Este tratamento também deve ser aplicado nas paredes no interior do edifício que apresentam emboloramento, mais acentuadamente no segundo pavimento e próximo à cobertura.

As áreas que tiveram parte do reboco desprendido, estes serão refeitos com material compatível e receberão pintura. O mesmo será feito no interior do edifício, nas áreas em que o revestimento se encontra deteriorado.

Deve ser feita a investigação das trincas presentes no edifício para a certificação de que não comprometerão sua estabilidade, e posteriormente seu tratamento. Buscando assegurar a proteção da alvenaria contra umidade, as fachadas do Sobrado Chiaramonte receberão a tinta Suvinil Proteção Total Fosco nas cores Torre de Pisa e Uva Rubi, que potencializa a impermeabilização.

Os espaços que terão paredes demolidas receberão vigas metálicas, caso necessário, para garantir a estabilidade do edifício com as novas instalações.

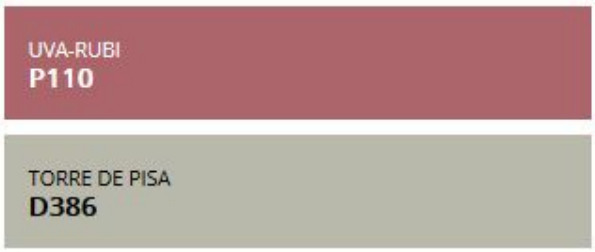


Figura 76: Cores da tinta tinta Suvinil Proteção Total Fosco que o Sobrado Chiaramonte receberá nas fachadas. Fonte: https://www.suvinil.com.br/

ESQUADRIAS

Como grande parte das esquadrias do pavimento superior foram removidas, sugere-se a adoção de soluções contemporâneas para substituí-las, valorizando a distinguibilidade. As fachadas sul e oeste, principais do edifício, receberão janelas do tipo *maxim-ar* com vidro temperado, de mesmas dimensões das esquadrias pré-existentes, com batentes em madeira.

As três janelas que não foram removidas serão restauradas, terão seus elementos faltantes recompostos e serão impermeabilizadas com verniz. Após o tratamento, serão recolocadas, sendo que uma delas será relocada do segundo pavimento para a sala de espera.

As portas pré-existentes, considerando a falta de documentação que indique sua cor original e a impossibilidade de prospectá-las, sugere-se que elas tenham sua camada pictórica removida para evidenciar a madeira. Todas apresentam configuração semelhante, com exceção da localizada no pavimento superior, o que será usado como base para a recomposição dos elementos faltantes. Apresentam boas condições de conservação, necessitando apenas tratamento de pequenas fissuras e manutenção e reparo de seus encaixes.



Figura 77: Detalhe das esquadrias da fachada leste do Sobrado Chiaramonte, com indicação da janela que será relocada. Fonte: Mayara Silva

PISOS

O piso cerâmico que reveste o térreo se encontra bastante sujo e danificado, o que torna inviável o seu aproveitamento. Propõe-se a substituição por porcelanato Portobello linha Essencial na cor Cimento Cinza, de dimensões 60x60cm, dando ao interior do edifício uma aparência contemporânea e que evidencie a distinguibilidade das intervenções atuais.

O pavimento superior, visto que todo o piso foi removido após o encerramento do uso do edifício, terá sobre os barrotes uma estrutura metálica para receber o novo revestimento, mantendo as peças de madeira originais aparentes. Para evitar ruídos provenientes da circulação e reduzir o peso sobre os barrotes de madeira, neste pavimento optou-se pela utilização de piso vinílico Tarkett Ambienta Stone Titanium, precedido por uma manta de compensado naval. Dessa forma, os ruídos seriam menores e o piso vinílico, por sua impermeabilidade, protegeria o compensado do contato com umidade.

Nos banheiros, sugere-se a utilização do porcelanato Portobello linha Bauhaus na cor Cement, de dimensões 60x60cm.



Figura 78: Modelos de piso que o Sobrado Chiaramonte receberá após a restauração. Da esquerda para a direita, Portobello linha Essencial na cor Cimento Cinza; piso vinílico Tarkett Ambienta Stone Titanium e porcelanato Portobello linha Bauhaus cor Cement. Elaboração: Mayara Silva

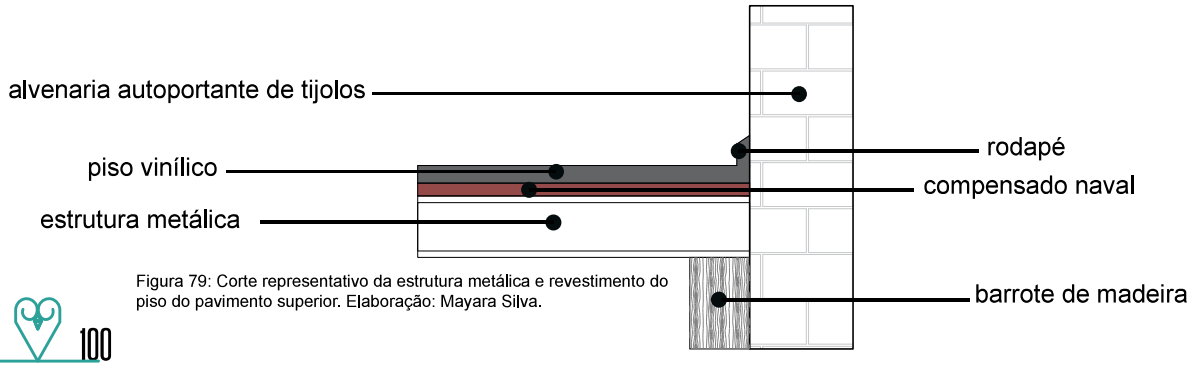


Figura 79: Corte representativo da estrutura metálica e revestimento do piso do pavimento superior. Elaboração: Mayara Silva.

ESCADA DE MADEIRA

A escada de madeira se encontra com bastante sujidade, o que implica em um inicial processo de limpeza para averiguar a condição física de suas peças, fazendo a substituição de peças danificadas, se necessário.

Tendo alguns de seus degraus removidos nos últimos anos de funcionamento do Sobrado, é necessário que eles sejam refeitos. Para isso, os degraus remanescentes servirão de modelo para os novos, já que se se encontram íntegros. A complementação da escada será feita em madeira semelhante à utilizada originalmente. Deve-se verificar também a estabilidade da escada, em desuso há 8 anos. Caso seja necessário, terá de ser feito o reforço da estrutura. Após a limpeza e restauração das peças de madeira, e também da complementação com os novos elementos, a escada deverá receber tratamento contra cupins e passar por impermeabilização.

INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E HIDRÁULICAS

As instalações hidráulicas e elétricas devem ser substituídas por instalações novas, adequadas ao novo uso e funcionamento do edifício. As peças dos sanitários e da cozinha, tratando-se de adições posteriores, serão removidas. As novas instalações hidráulicas serão externas, evitando prejudicar a alvenaria, e receberão placa de gesso para ocultá-las.

SACADA

A sacada, construída em ferro, apresenta elevada oxidação, necessitando tratamento. Apesar disso, sua estrutura se mostra estável, viabilizando sua permanência no projeto.

No entanto, recomenda-se aprofundar as investigações para verificar se existe a necessidade de reforço estrutural neste elemento. Após o tratamento, as grades devem receber pintura.

COBERTURA

Na cobertura será feita a limpeza das telhas francesas, substituindo as peças quebradas por telhas semelhantes e mantendo sua inclinação de 35%.

Os caibros e ripas com elevado grau de danificação serão removidos e substituídos por peças de iguais dimensões. Os elementos íntegros serão restaurados, receberão tratamento contra cupins e serão impermeabilizados com aplicação de verniz.

Na ausência do forro original e buscando garantir a distinguibilidade, o segundo pavimento receberá forro metálico Baffle Hunter Douglas com altura de 200mm. Sendo um sistema aberto, permite a visualização da estrutura do telhado e reduz a possível queda de detritos ou sujeira provenientes da cobertura.

BARROTES DE MADEIRA

Foi realizado o levantamento dos barrotes, avaliando as dimensões das peças e analisando as condições físicas das mesmas, com o objetivo de verificar quais necessitam ser substituídas. As peças que se encontram íntegras passarão por restauração, tratamento contra cupins e impermeabilização com verniz.

As cabeças de barrotes de madeira na elevação norte, que se sobressaem em relação aos panos de alvenarias, serão removidas e o restante da peça receberá tratamento contra fungos apodrecedores.

B1 a B10: Barrotes de maiores dimensões. Apresentam boas condições de conservação. Possuem pequena parte exteriorizada no edifício, e estas estão danificadas devido à umidade. Exigem tratamento das peças e a remoção da área prejudicada.

B11 e B12: Boas condições de conservação.

B13: Apenas danificações superficiais por ataque de cupins.

B14: Boas condições de conservação.

B15: Danificação elevada devido ao ataque de cupins; necessária a substituição da peça.

B16 e B17: Barrote duplo, sustenta uma parede de alvenaria; boas condições de conservação.

B18 a B22: Boas condições de conservação.

B23 e B24: Barrote duplo, sustanta uma parede de alvenaria; apenas danificação superficial devido ao ataque de cupins.

B25: Boas condições de conservação.

B26 e B27: danificação superficial devido ao ataque de cupins, mais acentuada na lateral do B27.

B28 e B29: boas condições de conservação.

B30: apresenta perda superficial de material nas laterais da peça.

B31: boas condições de conservação.

B32: perda de material na parte superior da peça.

B33: boas condições de conservação.

B34: boas condições de conservação, apenas com corrosão superficial leve na parte inferior da peça por cupins; apresenta reforço com peça metálica.

B35: boas condições de conservação, apenas com corrosão superficial leve na parte inferior da peça por cupins.

B36, B37 e B38: boas condições de conservação, com peças metálicas que dão suporte à sacada.

B39: boas condições de conservação.

B40: apresenta manchas superficiais devido à umidade

B41 e B42: barrote duplo, boas condições de conservação.

B43, B44 e B45: péssimo estado de conservação; danificados pelo contato com umidade; apresentam reforço com peças de madeira

Dimensão e Distância dos Barrotes:

B: entre 17 e 18cm de largura, com aproximadamente 56cm de distância entre as peças;

B: entre 12 e 13,5cm de largura, com aprocimadamente 57cm de distância entre as peças;

B: duplos, com aproximadamente 11cm de largura cada um, e 2cm de distância entre as peças.

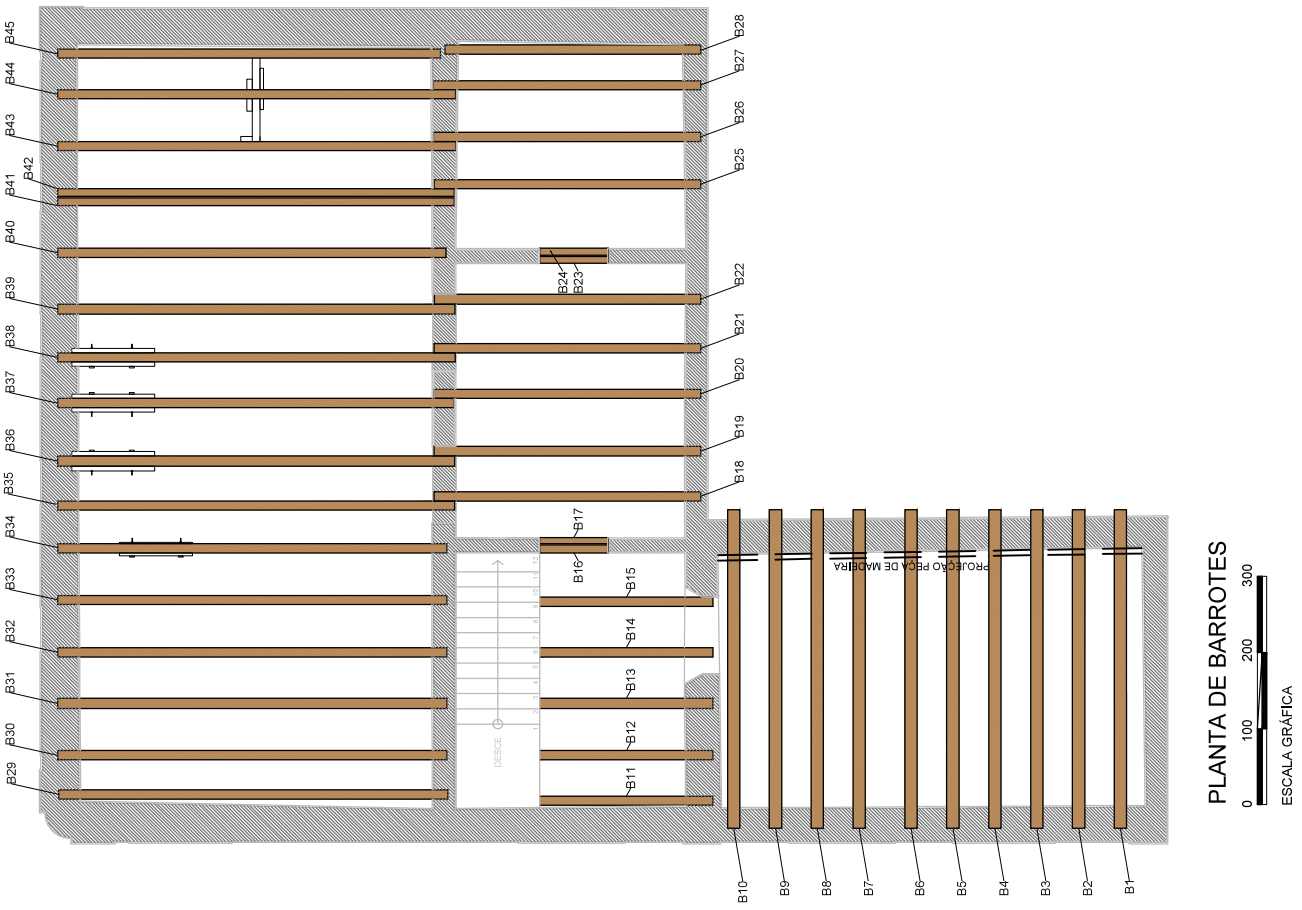
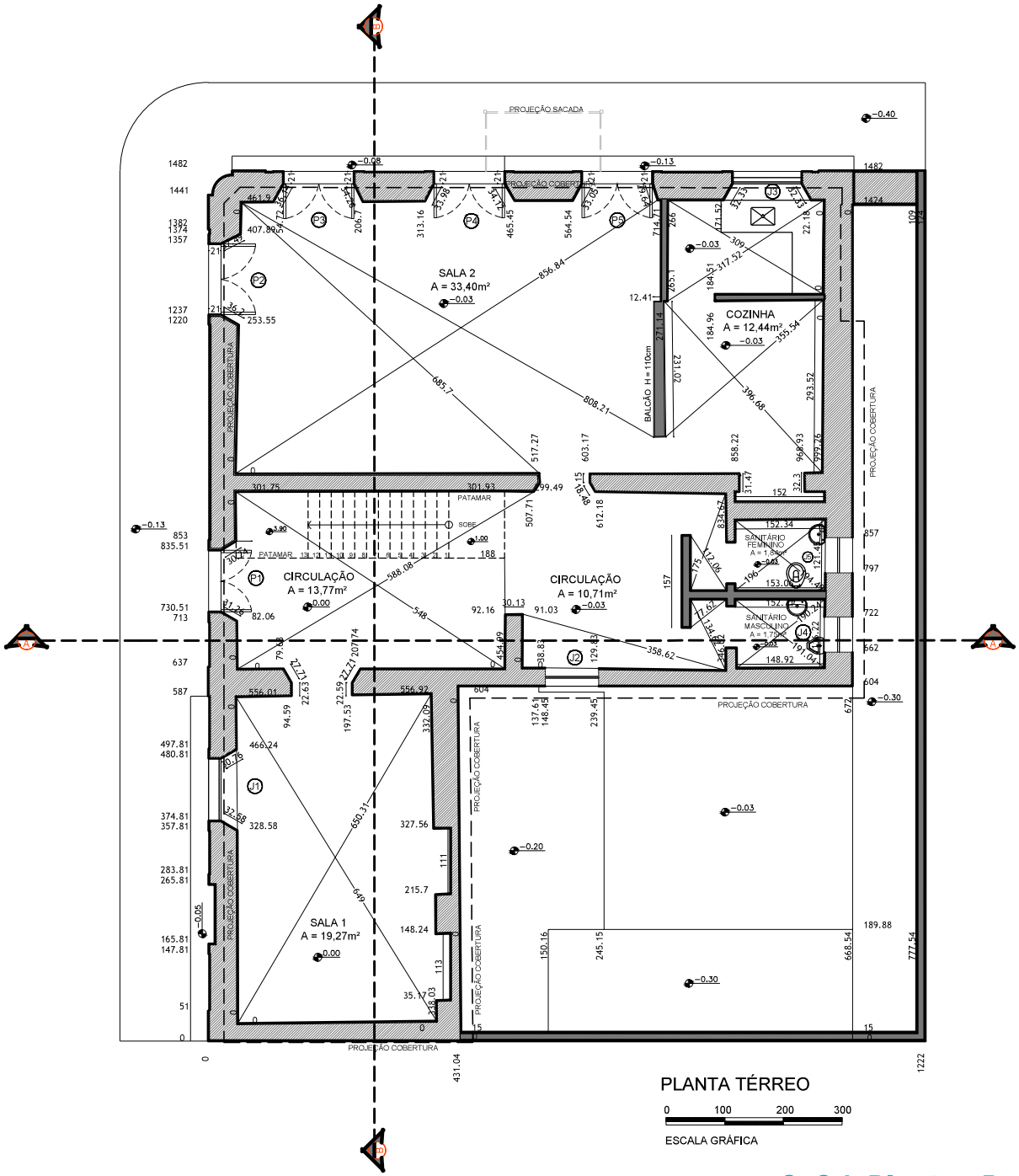


Figura 80: Levantamento dos barrotes de madeira, em planta. Elaboração: Mayara Silva

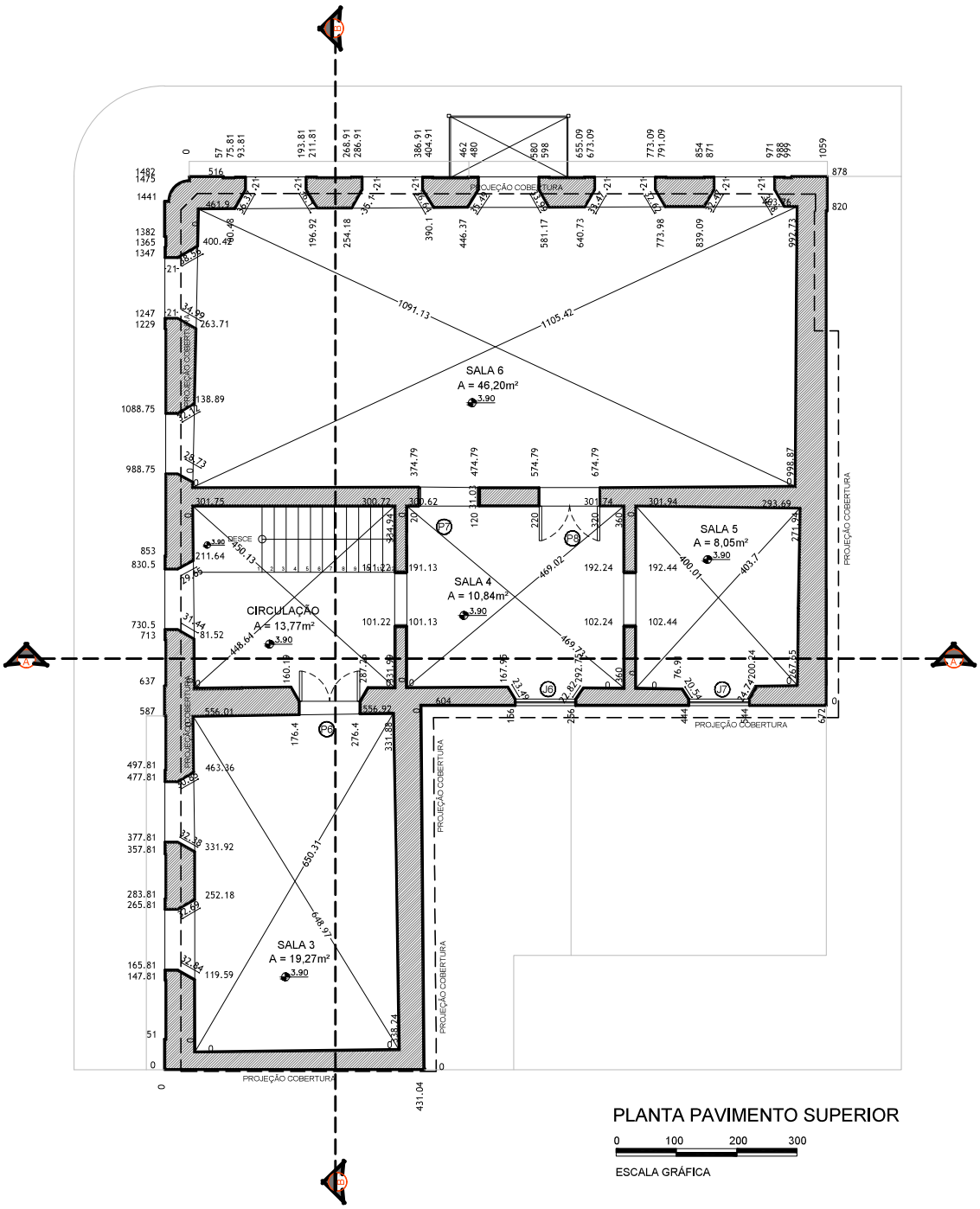


Figura 81: Método utilizado para a medição dos barrotes de madeira no Sobrado Chiaramonte. Fonte: Mayara Silva

8. 8. Levantamento métrico-arquitetônico



8.81. Plantas Baixas

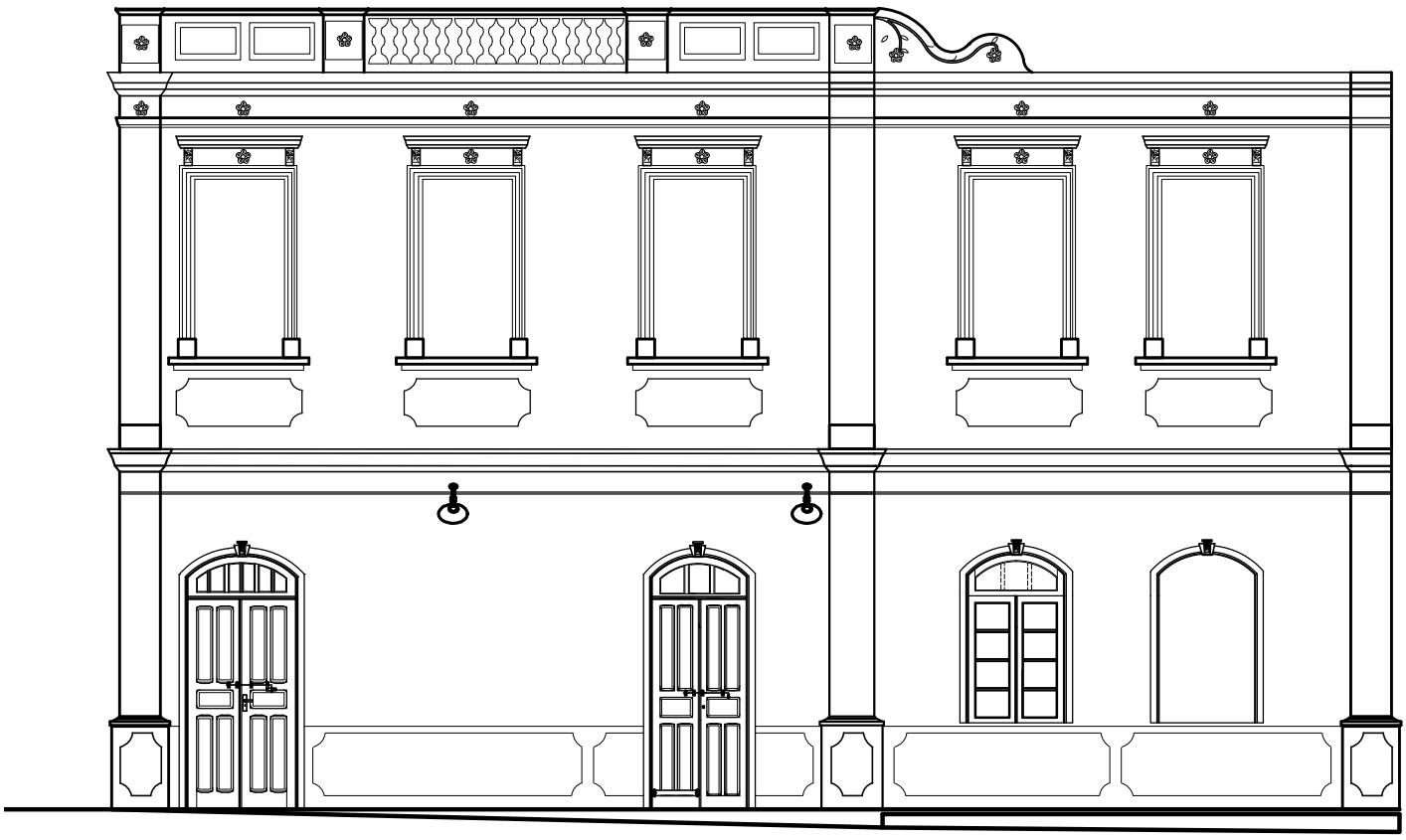


PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

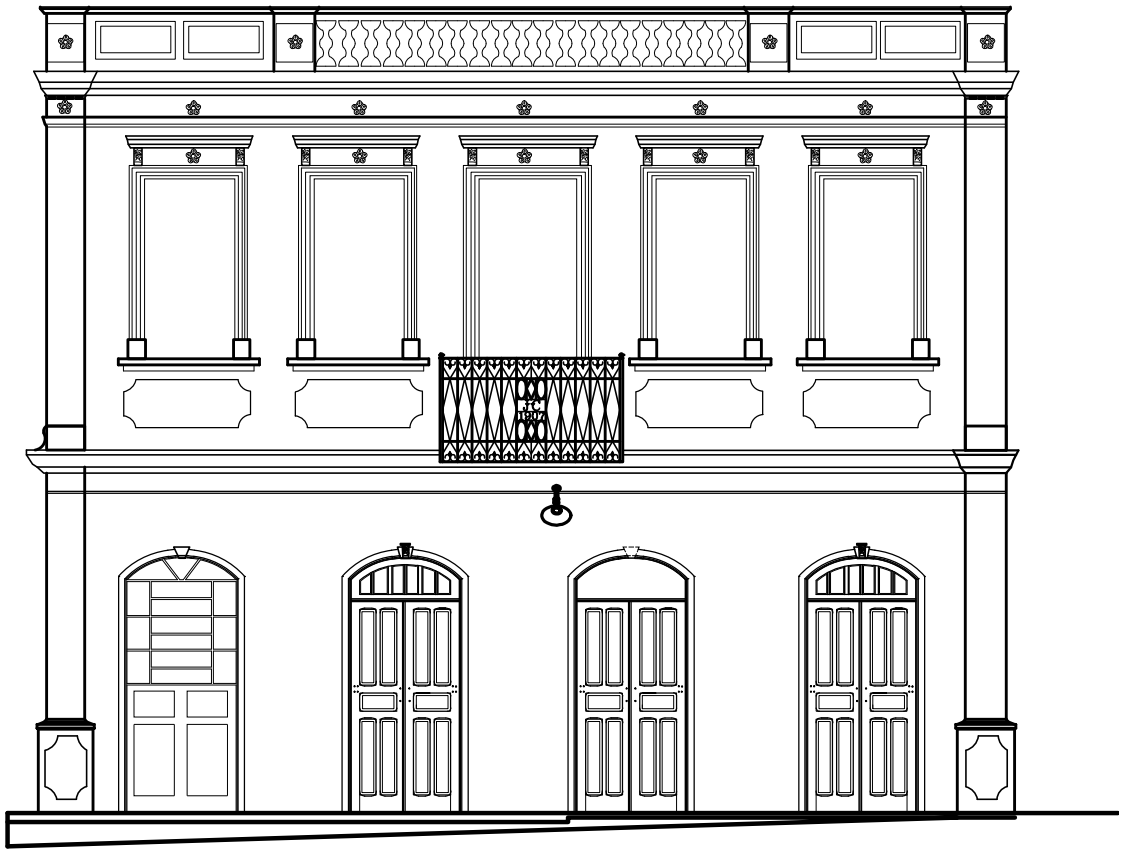
0 100 200 300

ESCALA GRÁFICA

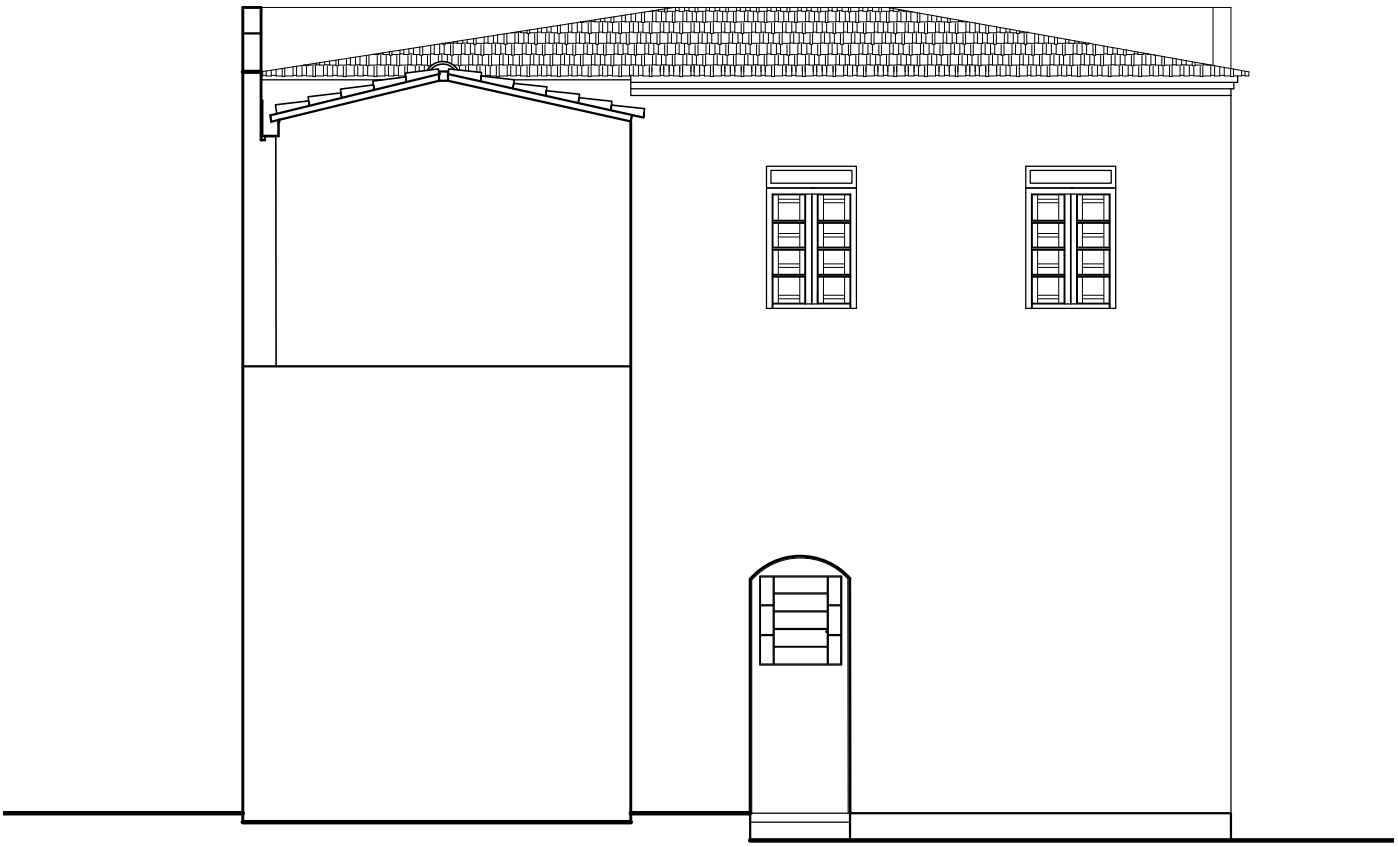
8. 8. 2. Fachadas



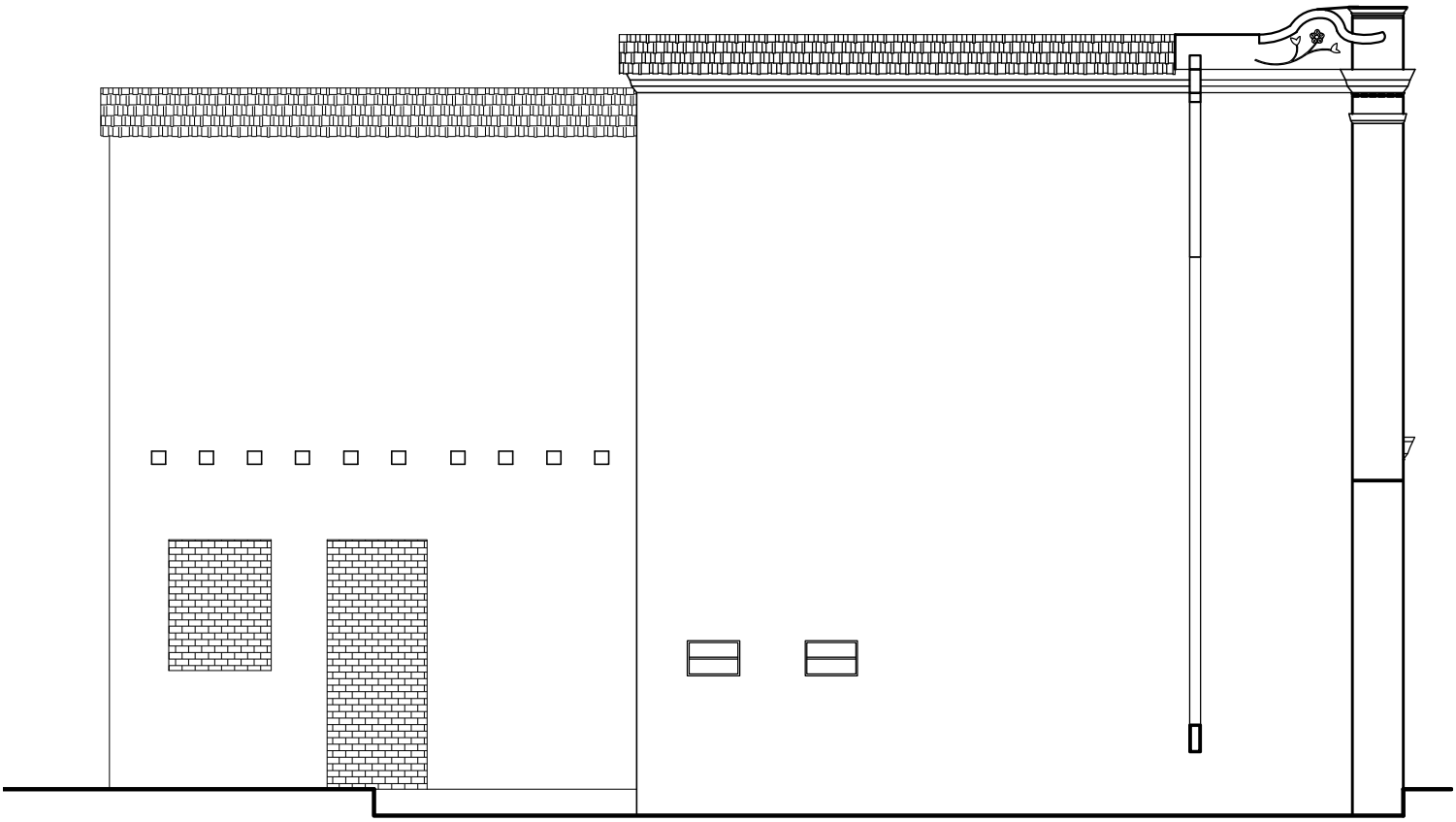
Fachada Sul



Fachada Oeste

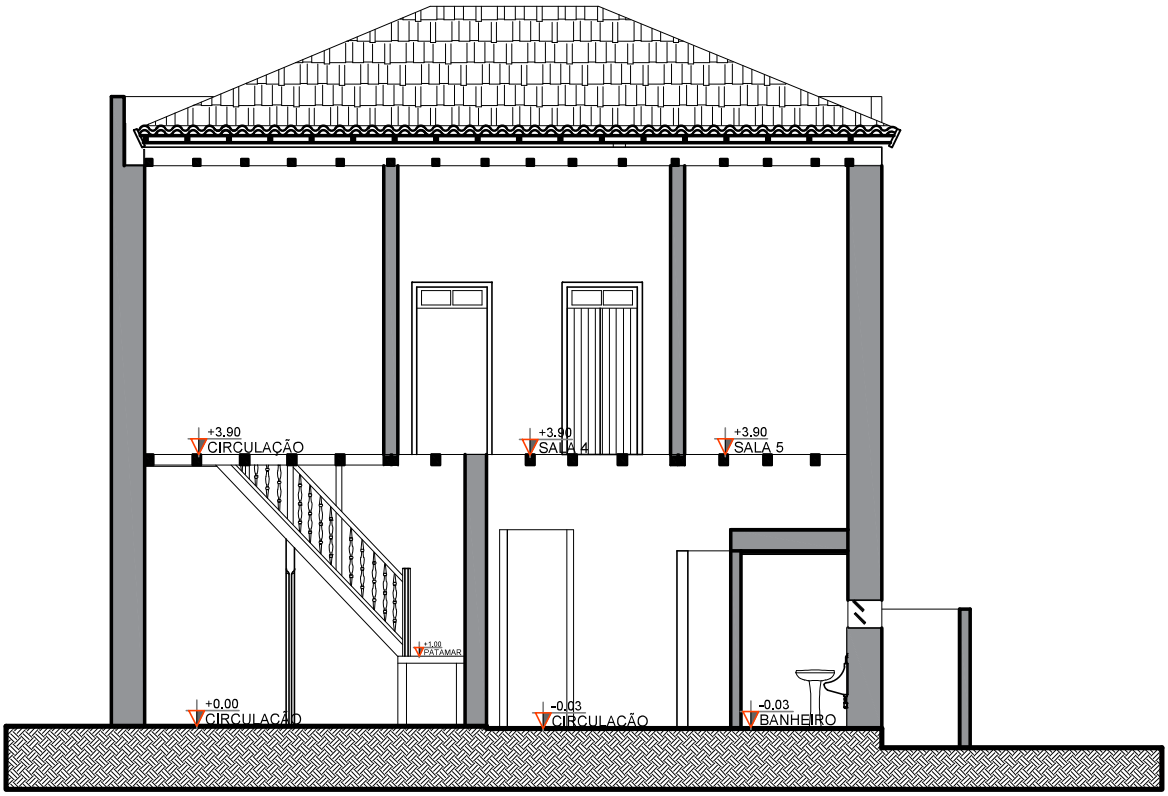


Fachada Leste



Fachada Norte

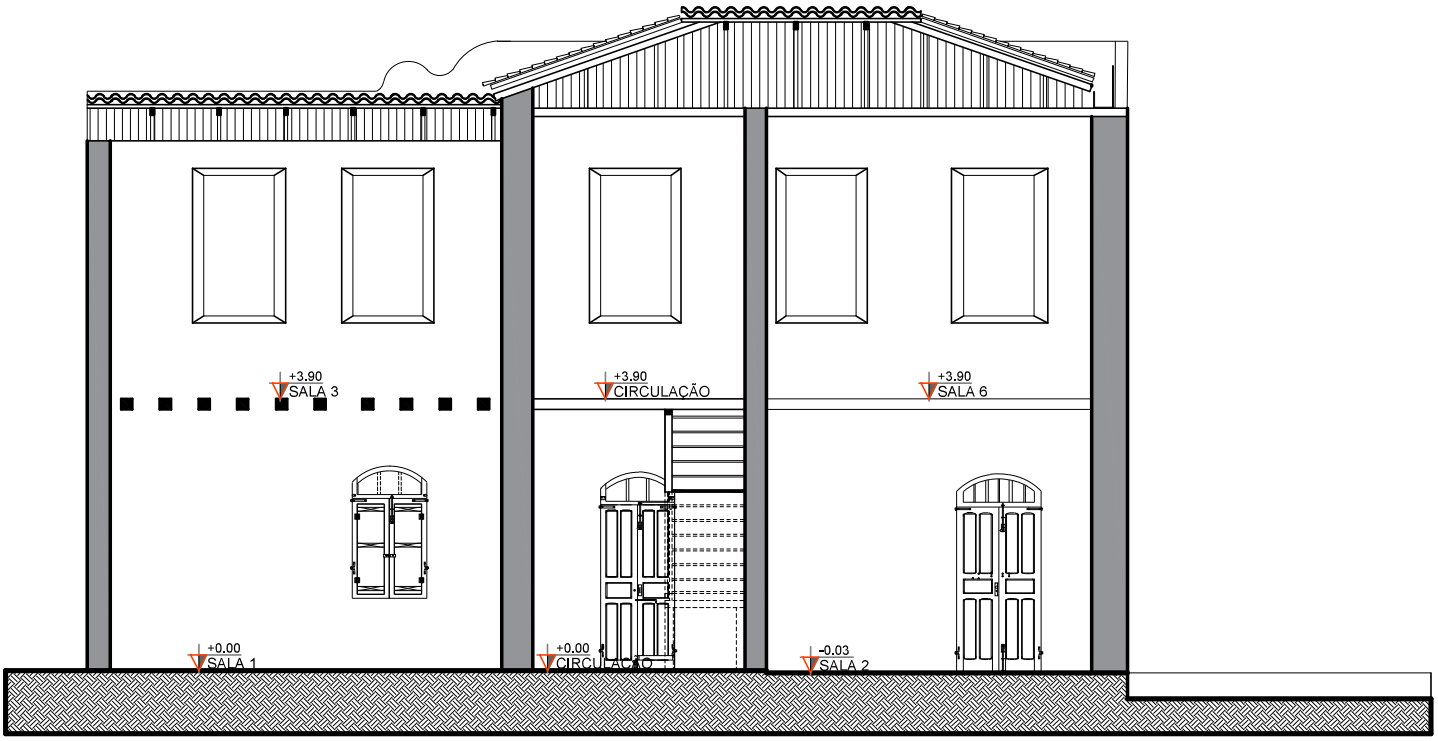
8. 8. 3. Cortes



CORTE AA

0 100 200 300

ESCALA GRÁFICA



CORTE BB

0 100 200 300

ESCALA GRÁFICA



Figura 82: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva



9. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CAFÉ-BAR CENTRAL

9.1. Proposta geral de intervenção no edifício

O Sobrado Chiaramonte, como já foi exposto, é um importante exemplar da arquitetura do início do Século XX e, desta forma, um testemunho vivo da história de Santa Rosa de Viterbo. Apesar de sua importância histórico-social, nos últimos anos se encontra abandonado e danificado. Visando impedir uma degradação mais grave do bem e sua eventual perda, este trabalho propõe um projeto de restauração do edifício e também um plano de gestão para o mesmo, para assegurar que sua conservação seja mais duradoura.

O projeto a ser desenvolvido neste trabalho, com base em análises do entorno e das condições físicas do edifício e suas características, propõe um novo programa de uso para o Sobrado Chiaramonte. As intervenções se apoiarão na teoria contemporânea de restauro denominada Posição central ou Crítico-conservativa e criativa, seguindo os princípios da distinguibilidade, da mínima intervenção e da retrabalhabilidade.

Inserido no centro da cidade, entre as duas principais praças de Santa Rosa de Viterbo – Guido Maestrello e Santo Antônio -, apresenta grande potencial para potencializar a dinâmica urbana de seu entorno, proporcionando novos fluxos através dos usos propostos.

Considerando os tipos de ocupação que o bem recebeu ao longo dos anos, o novo programa de uso sugerido mantém o teor comercial, que foi o mais frequente ao longo dos 110 anos do Sobrado.

Apesar de possuir outros nomes desde 1958, o prédio ainda é conhecido pelos santarosenses como "Bar Central", o que motivou a proposta de um Café-Bar no local como resgate e continuidade da memória dos moradores. Por se tratar de um edifício privado, a ocupação do mesmo com um programa que permite seu funcionamento em diferentes períodos – Café durante manhã e tarde e Bar na parte da noite, por exemplo -, é estruturada no atendimento da demanda local e buscando um retorno financeiro maior ao edifício, incentivando sua recuperação. Além disso, sua setorização oferece a possibilidade de usos parciais dos espaços e layout adaptável, em função dos usos e interesses dos proprietários. Seus salões podem ser utilizados separadamente para receber reuniões ou eventos de diferentes conformações, potencializando o aproveitamento do bem.

Como as alvenarias internas originais foram removidas com o tempo para se moldar às necessidades de sua ocupação, o espaço - atualmente com poucas repartições -, se apresenta propício para o novo uso, não sendo necessárias grandes alterações.

Para a melhor distribuição do programa e visando requalificar o espaço, foi incorporado ao projeto o lote vizinho, que através de documentação fotográfica verificou-se que já pertenceu ao Sobrado Chiaramonte.

O projeto pode ser dividido em três blocos: o Sobrado Chiaramonte, Bloco de Extensão e o Bloco de Serviços. Apesar de propositalmente apresentarem características arquitetônicas bastante distintas, os blocos apresentam uma mesma cor em suas fachadas, mostrando sua ligação.

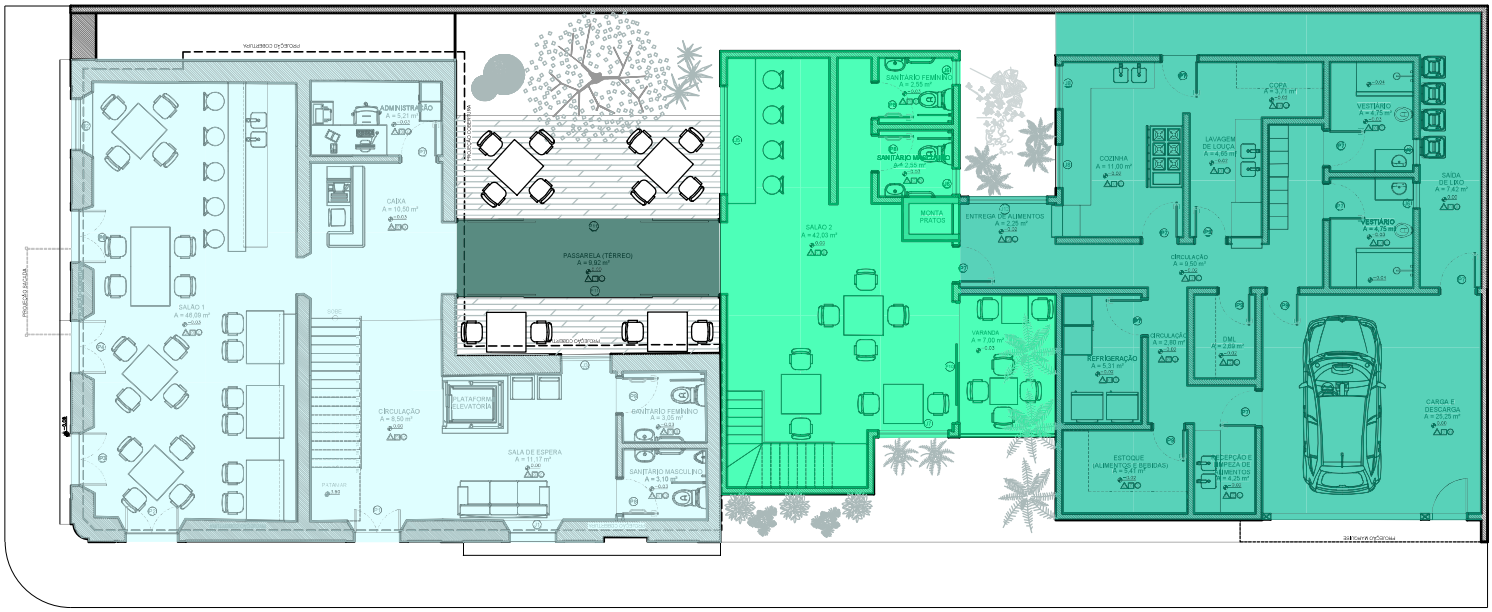


Figura 83: Planta da proposta de intervenção, com setorização dos blocos. Elaboração: Mayara Silva

A distribuição do programa no Sobrado Chiaramonte é feita priorizando a mínima intervenção, removendo apenas elementos adicionados posteriormente que descaracterizam o bem e realizando pequenas modificações para favorecer a circulação e o aproveitamento do espaço.

O pavimento térreo, apesar de possuir diversas aberturas, terá apenas uma entrada, localizada próxima ao eixo de circulação, voltada para a rua Nove de Julho, visando melhor controle de entrada e saída de pessoas. As demais portas – uma na fachada sul e outras três na fachada oeste -, receberão um guarda corpo de vidro, o que faz com que possam permanecer abertas, mesmo que não funcionem como passagem. Próxima à entrada foi proposta uma sala de espera para receber os clientes em caso de lotação e sanitários acessíveis, além da plataforma elevatória para garantir o acesso ao segundo pavimento.

O Salão 1 recebeu uma proposta de layout que remete ao Bar Central, com balcão refrigerado de atendimento localizado em local semelhante ao original, de acordo com a documentação fotográfica. Ainda no térreo, estão localizados a administração do estabelecimento e o caixa para pagamentos.

No pavimento superior, que pode ser acessado pela escada pré-existente ou pela plataforma elevatória, estão localizados os salões 3 e 4, sendo o primeiro de maior área e contando com um balcão refrigerado de atendimento, e o segundo uma área mais reservada apenas com mesas menores. Este pavimento conta com três sanitários, sendo um feminino, um masculino e um unissex adaptado a portadores de necessidades especiais.

Interligando o Sobrado Chiaramonte ao bloco de Extensão, no térreo a plataforma possui aberturas que levam a decks de madeira, configurando um espaço com vegetação e mesas ao ar livre. No pavimento superior, a passarela em vidro é fechada e possui poltronas e mesas menores, conformando um local de passagem e contemplação, com vista para o jardim.

O bloco de Extensão, que tem como objetivo expandir a área do Café-Bar sem roubar o protagonismo do Sobrado, é idealizado com características contemporâneas. Contando com dois pavimentos, sua altura é limitada à altura do edifício eclético, e seu recuo frontal evidencia a distinção entre os dois. Não foi atribuído ao bloco de Extensão um acesso, sendo a entrada de clientes feita pelo Sobrado e a entrada de funcionários feita pelo bloco de Serviços.

Em seu pavimento térreo, conta com um salão para distribuição de mesas conforme a necessidade e um balcão fixo com cadeiras e vista para o jardim através de uma grande janela. Os dois sanitários, feminino e masculino, são adaptados aos portadores de necessidades especiais. Na parte frontal, foi prevista uma abertura que leva à pequena varanda com deck de madeira e palmeiras, permitindo uma vivência diferenciada. O fechamento da varanda é feito com uma grade de ferro, com detalhes que remetem à sacada do Sobrado Chiaramonte.

No pavimento superior, acessado através de uma escada em L, como forma de complementação ao uso e procurando criar um ambiente singular, foi proposta uma área destinada à exposição e venda de vinhos e cervejas artesanais. Com layout objetivando uma área mais reservada, o local possui grandes aberturas em sua lateral com o fechamento com brises metálicos Hunter Douglas modelo Aeroscreen na cor Burdeo, além de janelas que permitem a visão do jardim e da rua Nove de Julho. Os vinhos e cervejas são expostos ou armazenados em prateleiras e refrigeradores, contando com um balcão refrigerado de apoio.

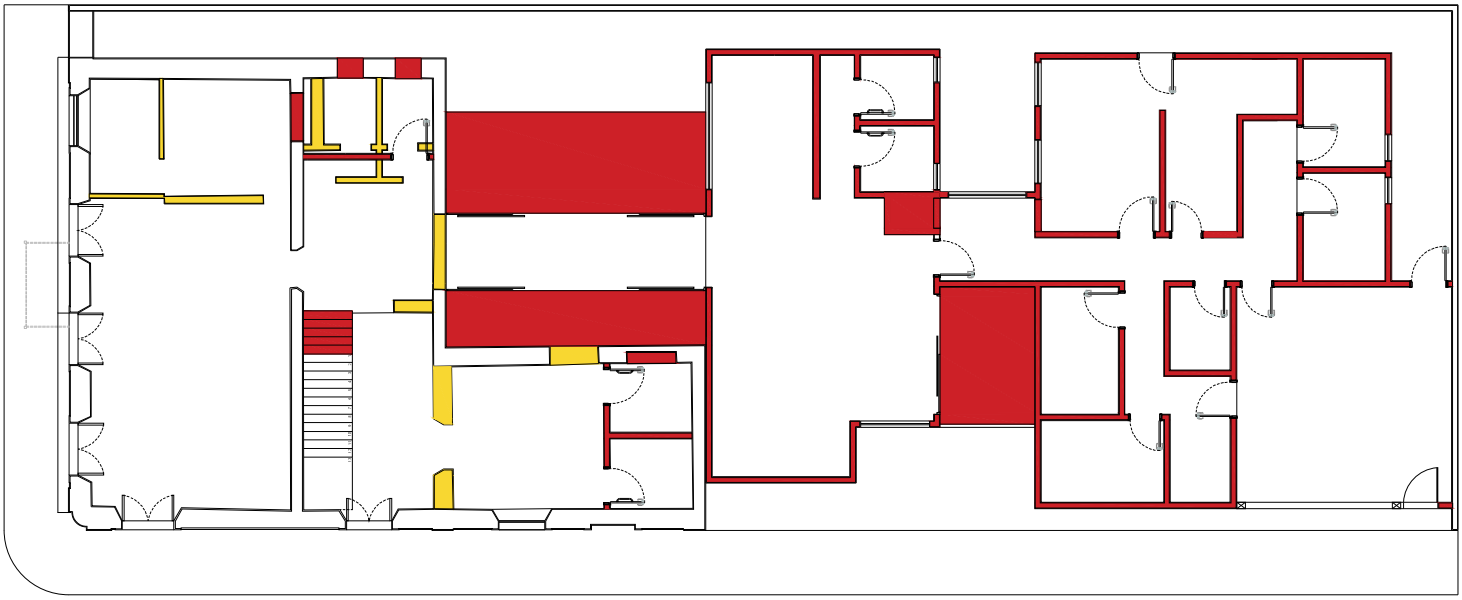
O bloco de Serviços, arquitetonicamente mais cru e com apenas um pavimento, também apresenta recuo frontal para diferenciá-lo dos demais edifícios. Foi pensado de modo a facilitar a circulação de funcionários e a produção dos alimentos, de sua chegada e armazenamento até o preparo e entrega aos clientes. Este bloco conta com uma garagem para carga e descarga, que leva ao local onde os alimentos serão limpos e destinados ao estoque ou à refrigeração. Estes ambientes possuem rápido acesso à cozinha, facilitando a utilização dos alimentos. Na extremidade do lote está localizado o corredor para a saída de lixo, com fácil acesso à rua.

Separadamente ao acesso destinado ao armazenamento de alimentos, a garagem para carga e descarga também possui acesso aos vestiários de funcionários, evitando circulações desnecessárias.

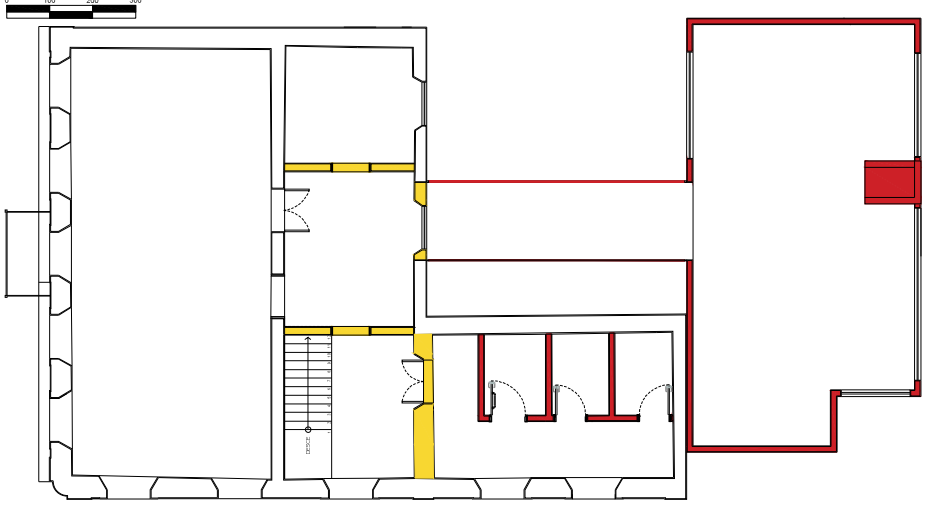
A cozinha, que visa atender à demanda total do Café-Bar, é destinada ao preparo de pratos rápidos e tira gostos, o que evita a necessidade de uma configuração industrial ao espaço. A saída dos aperitivos é feita através de um balcão, onde serão destinados aos salões ou ao monta pratos, que, com saída no pavimento superior, facilita a entrega de alimentos no andar.

Atendendo às normas sanitárias, a lavagem de louças se encontra separada da cozinha, em uma configuração que evita o contato de peças sujas com o que está sendo preparado. Através de um balcão, a louça suja é entregue para lavagem, e depois será armazenada na copa, que se encontra entre a cozinha e o ambiente para lavagem.

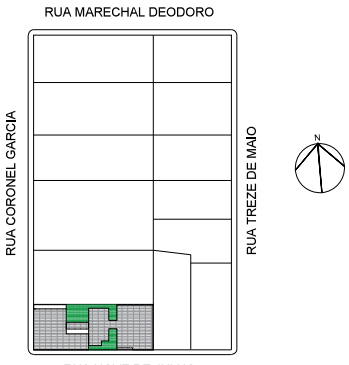
Como resultado, o projeto propõe, além da restauração e do plano de gestão, espaços que buscam transformar a vivência do Sobrado Chiaramonte, através da requalificação do bem e seu usufruto pela população, disseminando a importância da preservação de monumentos históricos.



PLANTA DEMOLIR/CONSTRUIR (TÉRREO)
ESCALA GRÁFICA



PLANTA DEMOLIR/CONSTRUIR (PAV. SUPERIOR)
ESCALA GRÁFICA



PLANTA DE SITUAÇÃO

Figura 84: Plantas de demolir/construir e de situação da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva

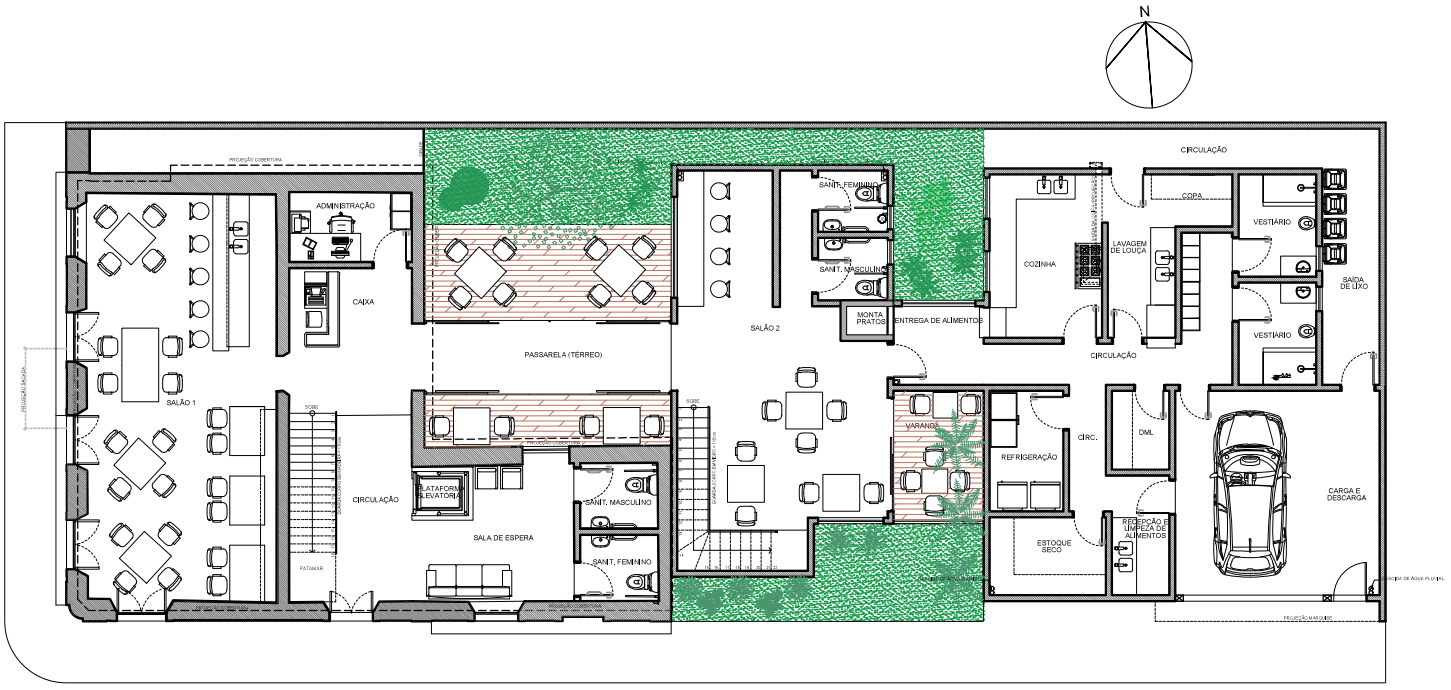


Figura 85: Plantas do pavimento térreo com proposta de layout para o Café-Bar. Elaboração: Mayara Silva

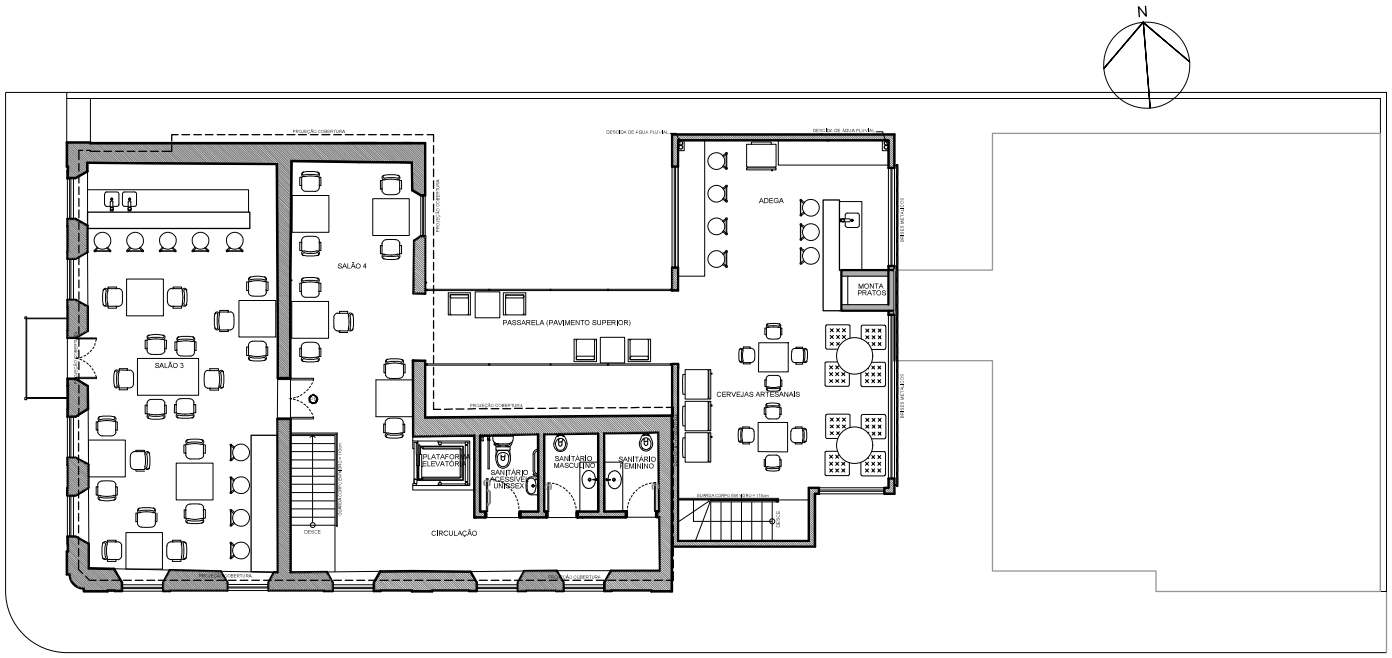


Figura 86: Plantas do pavimento superior com proposta de layout para o Café-Bar. Elaboração: Mayara Silva

9.2. Programa do Projeto

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO CAFÉ-BAR CENTRAL PROGRAMA	
BLOCO DE SERVIÇOS	
ENTREGA DE ALIMENTOS	2,25m²
COZINHA	11,00m²
LAVAGEM DE LOUÇA	4,65m²
COPA	3,71m²
RECEPÇÃO E LIMPEZA DE ALIMENTOS	4,25m²
ESTOQUE SECO	5,41m²
REFRIGERAÇÃO	5,31m²
DML	2,69m²
CARGA E DESCARGA	25,25m²
CIRCULAÇÃO	21,78m²
SAÍDA DE LIXO	7,43m²

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO CAFÉ-BAR CENTRAL PROGRAMA	
SOBRADO CHIARAMONTE	
SALÃO 1	46,09m²
ADMINISTRAÇÃO	5,21m²
CAIXA	10,50m²
CIRCULAÇÃO	8,50m²
SALA DE ESPERA	11,17m²
SANITÁRIO FEMININO ACESSÍVEL	3,08m²
SANITÁRIO MASCULINO ACESSÍVEL	3,07m²
SALÃO 3 (pavimento superior)	48,09m²
SALÃO 4 (pavimento superior)	19,90m²
CIRCULAÇÃO (pavimento superior)	15,10m²
SANITÁRIO UNISSEX ACESSÍVEL (pavimento superior)	2,65m²
SANITÁRIO FEMININO (pavimento superior)	2,54m²
SANITÁRIO MASCULINO (pavimento superior)	2,50m²

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO CAFÉ-BAR CENTRAL PROGRAMA	
BLOCO DE EXTENSÃO	
SALÃO 2	42,03m²
VARANDA	7,00m²
SANITÁRIO FEMININO ACESSÍVEL	2,55m²
SANITÁRIO MASCULINO ACESSÍVEL	2,55m²
ADEGA (pavimento superior)	27,68m²
CERVEJAS ARTESANAIS (pavimento superior)	20,65m²

9.3. Plano de Gestão da Conservação e de inspeção de rotina para o Sobrado Chiaramonte

PLANO DE GESTÃO DA CONSERVAÇÃO E DE INSPEÇÃO DE ROTINA PARA O SOBRADO CHIARAMONTE		
AÇÕES SEMANAIS	PROCEDIMENTOS	RESPONSÁVEL
Arejamento dos espaços	Durante os períodos da manhã e tarde, deixar portas e janelas abertas nos dois pavimentos, promovendo a circulação do ar no interior do prédio.	Funcionários do Café
Limpeza dos pisos de todos os espaços internos	Remover detritos. Varrer e aspirar todos os cômodos. No pavimento superior, utilizar apenas pano úmido para limpar, evitando danos no piso vinílico.	Funcionários da limpeza
Limpeza dos banheiros	varrer e lavar os pisos. Limpar as louças com bucha, utilizando produtos de limpeza adequados. Verificar se há presença de manchas de umidade ou vazamentos nos vasos sanitários e pias.	Funcionários da limpeza
Verificação da segurança	Observar se portas e janelas estão íntegras e funcionando corretamente. Observar as dobradiças e fechaduras, verificando se estão firmes e bem posicionadas. Verificar a integridade dos guarda corpos de vidro no pavimento térreo.	Funcionários da limpeza
Limpeza da calçada e dos elementos externos	Remover detritos e varrer a calçada. Observar se há presença de vegetação. Limpar o vidro das esquadrias e dos guarda corpos. No pavimento superior, limpar a sacada e verificar se não há acúmulo de água.	Funcionários da limpeza
Verificação das instalações elétricas	Observar se há lâmpadas queimadas e tomadas ou interruptores sem funcionar. Observar se há presença de manchas escuras junto à fiação, interruptores ou caixas de luz. Conferir posicionamento e integridade das lâmpadas nos barrotes. Informar os responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte sobre manchas de curto circuito. Solicitar a substituição das lâmpadas queimadas por outras similares.	Funcionários do Café e do Bar
Limpeza da escada e dos barrotes de madeira	Na escada de madeira, utilizar apenas pano úmido para limpar. Limpar os barrotes com espanador, visando remover a poeira e teias de aranha. Observar se há presença de cupins ou manchas causadas por umidade.	Funcionários da limpeza

AÇÕES A CADA 6 MESES	PROCEDIMENTOS	RESPONSÁVEL
Limpeza da estrutura da cobertura	Remover teias de aranha e demais sujeiras com espanadores. Observar a presença de aves ou insetos e presença de manchas de umidade. Verificar a estabilidade e integridade das peças da estrutura, observando as condições de todos os elementos e materiais. Verificar a integridade dos encaixes das peças, e se há elementos soltos ou faltosos. Informar o responsável para providenciar o reparo com acompanhamento de um arquiteto para aprofundar a avaliação e estabelecer os procedimentos a serem adotados.	Profissional qualificado contratado pelos responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte.
Conservação da escada e dos barrotes de madeira	Limpar as peças com pano úmido. Verificar a estabilidade e integridade dos degraus e dos barrotes. Observar se há presença de manchas de umidade ou de cupins, e informar o responsável pelo edifício.	Profissional qualificado contratado pelos responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte.
Verificação da segurança	Verificar se portas e janelas estão aprumadas e funcionando corretamente. Limpar dobradiças e fechaduras com pano seco e lubrificar.	Responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte
Inspeção da cobertura nos meses de abril (após o período de chuvas) e em outubro (antes do início do período de chuvas)	Verificar se há telhas quebradas ou faltosas. Verificar se os elementos da estrutura estão alinhados. Observar se há pontos de umidade causados por danificação da cobertura. Remover detritos e limpar calhas. Remover gramíneas e outras vegetações de pequeno porte presentes na cobertura. Obervando danos mais expressivos, comunicar ao responsável para providenciar avaliação mais aprofundada por um arquiteto.	Profissional qualificado contratado pelos responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte.
AÇÕES CÍCLICAS	PROCEDIMENTOS	RESPONSÁVEL
Pintura da alvenarias externas e internas a cada dois anos	Verificar se há presença de trincas ou fissuras nas alvenarias ou queda do reboco. Substituir os rebocos danificados.	Profissional qualificado contratado pelos responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte.
Manutenção na escada e nos barrotes de madeira uma vez por ano	Executar tratamento contra cupins. Aplicação de verniz em todas as peças.	Profissional qualificado contratado pelos responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte.
Revisão da rede elétrica a cada cinco anos	Verificar a integridade e o funcionamento das instalações.	Profissional qualificado contratado pelos responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte.
AÇÕES ESPORÁDICAS	PROCEDIMENTOS	RESPONSÁVEL
Inspeção da cobertura após chuvas fortes ou vendavais	Verificar presença de telhas quebradas ou faltosas, informando os responsáveis para que seja feita a substituição das mesmas.	Profissional qualificado contratado pelos responsáveis pelo Sobrado Chiaramonte.

9.4. Orientações técnicas e recomendações gerais

- Todas as fases de prospecção e realização dos trabalhos deverão ser fartamente documentadas, através de fotografias e relatórios, para posterior apreciação e indicação para intervenções futuras.
- As etapas de cada trabalho deverão ser orientadas por profissionais competentes responsáveis pela execução do projeto.
- Qualquer trabalho a ser executado deve ser precedido das necessárias prospecções para se evitar danos irremediáveis ao patrimônio.
- Qualquer elemento a ser retirado por imposições técnicas deverá ter sua posição registrada previamente de forma a possibilitar o respeito rigoroso de sua reposição na situação original.
- O entorno próximo poderá ser utilizado para a instalação do canteiro de obras tomando-se os devidos cuidados para não danificar o edifício.
- Todo material utilizado deverá ser da melhor qualidade, procurando sempre que possível utilizar material similar ao original.
- A área de trabalho deverá permanecer constantemente limpa e desimpedida de entulhos.
- Os andaimes serão autoportantes, não podendo, em hipótese alguma, apoiar-se nas paredes do edifício.
- Quando da execução dos serviços de restauração, os trabalhos devem ter procedimentos idênticos ou semelhantes ao sistema original.
- Na recuperação do telhado deverá ser mantido o esquema original com a substituição apenas das peças danificadas. As telhas danificadas também serão substituídas e todas as novas peças deverão obedecer às mesmas dimensões e formas de encaixe existentes.
- Todos os trabalhos de carpintaria deverão ser executados por pessoal técnico habilitado e experimentado, devidamente assistidos por mestre carpinteiro, que verificará a perfeita ajustagem de todas as peças.
- Os preenchimentos de reboco deverão ser executados com a mesma textura de reboco existente. As superfícies serão desempenadas com colher, não se usado desempenadeiras.
- Todo madeiramento a ser empregado na obra deverá estar completamente seco para evitar que as tábuas se empenem ou o apodrecimento de frestas no futuro.

9.5.
Perspectivas do Projeto de Intervenção



Figura 87: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva

Figura 88: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva



Figura 89: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva



Figura 90: Perspectiva da proposta de intervenção. Elaboração: Mayara Silva



10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Luiz; LOUREIRO, Cláudia. Plano Diretor de Conservação. I Curso Latino Americano Sobre a Conservação da Arquitetura Moderna - MARC/AL. CECI - ICCROM, 2009.

ANTUNES, Romeu J. Histórias de Santa Rosa de Viterbo. Santa Rosa de Viterbo: Ed. O Santa Rosa, 2000, p. 53-130

BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CUNHA, Claudia dos Reis e; KUHL, Beatriz Mugayar. Teoria e método no campo da restauração. Pós : Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo, v. 19, n. ju 2012, p. 98-115, 2012.

FABRIS, Annateresa. Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Cotia: Ateliê, 2009.

MARTINS, Ana Paula Ramos da Silva Dutra. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação/ Ana Paula Ramos da Silva Dutra Martins. - Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2009.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. 214 p

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. Mapa de danos – recomendações básicas / Textos
para discussão – série 2: Gestão de Restauro, Olinda: CECI, 2009

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. Plano de Gestão da Conservação para edificações de valor cultural. Revista CPC, São Paulo, n.17, p. 93-106, nov. 2013/abril 2014

SITES

EM REFORMA NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS, CASA DE CÂMARA E CADEIA GANHA NOVAS CORES. FLORIPA AMANHÃ. Disponível em: <http://floripamanha.org/2016/01/em-reforma-no-centro-de-florianopolis-casa-de-camara-e-cadeia-ganha-novas-cores/>. Acesso em maio/2017

PROJETO DE RESTAURO ANTIGA CASA DE CÂMARA E CADEIA - MUSEU DE HISTÓRIA DA CIDADE. Disponível em: < http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/19_06_2015_14.04.06.878ac4c5491b70c408313a54545b5f41.pdf> Acesso em maio/2017

CASA BONOMI - ATEMPORALIDADE ARQUITETÔNICA. FÁBIO CHAMON MELO. VITRUVIUS. Disponível em: < http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.196/6222>. Acesso em maio/2017

CAFETERIA ORIGO / LAMA ARHITECTURA " [ORIGO COFFEE SHOP / LAMA ARHITECTURA] 31 MAI 2013. ARCHDAILY BRASIL. (TRAD. DELAQUA, VICTOR). Disponível em: < https://www.archdaily.com.br/br/01-117337/cafeteria-origo-slash-lama-arhitectura>. Acessado 25 Set 2017.

BAR MANDÍBULA. SUBESTÚDIO. Disponível em: < <http://subestudio.com.br/Mandibula>. Acessado 27 Set 2017